

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**A Relação Mídia–Esporte: um estudo das mensagens esportivas
na televisão e seus efeitos na prática da Educação Física
escolar, na percepção do professor.**

Dori Alves Júnior

BRASÍLIA
2008

A Relação Mídia–Esporte: um estudo das mensagens esportivas na
televisão e seus efeitos na prática da Educação Física escolar, na
percepção do professor

DORI ALVES JÚNIOR

Dissertação apresentada à Faculdade de
Educação Física da Universidade de Brasília,
como requisito parcial para obtenção do grau
de Mestre em Educação Física.

ORIENTADOR: Dr. ALDO ANTONIO DE AZEVEDO

Dori Alves Júnior

A Relação Mídia–Esporte: um estudo das mensagens esportivas na televisão e seus efeitos na prática da Educação Física escolar, na percepção do professor

Presidente: **Professor Doutor Aldo Antonio de Azevedo**
Universidade de Brasília

Membro Externo: **Professor Doutor Paulo Roberto Corbucci**
IPEA – Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas

Membro: **Professor Doutor Alfredo Feres Neto**
Universidade de Brasília

Membro Suplente: **Professora Doutora Ingrid Dietrich Wiggers**
Universidade de Brasília

Agradecimentos

A Deus, pela dádiva da vida e da aprendizagem.

A minha esposa, Telma Valquíria, aos meus filhos, Gabriela e João Rafael, a minha mãe, Maria Vanildes, com amor, carinho, pelo apoio, tolerância e compreensão neste período de estudos.

Ao professor Dr. Aldo Antonio de Azevedo, meu orientador, pela paciência e dedicação com que sempre me auxiliou.

Aos membros da Comissão Examinadora, pelo empenho, leitura e crítica deste trabalho.

A todos que contribuíram para a implantação do Mestrado em Educação Física da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, em especial aos professores Dr^a Ana Cristina, Dr^a Dulce Suassuna e Dr. Martim Botaro, pela grande melhoria do ensino e pesquisa na área que certamente virá.

Aos professores da Pós-Graduação em Educação Física, pela qualidade e excelência na condução das disciplinas.

Aos professores de Educação Física, sujeitos desta pesquisa nos Grupos Focais, pelo tempo dedicado e pela grande contribuição dada à pesquisa.

Aos autores das diversas áreas, que com seus escritos contribuíram para o desenvolvimento deste estudo.

A todos os servidores da Faculdade de Educação Física, pela solicitude nos atendimentos, em especial a Alba Célia, pela excepcional ajuda nas questões burocráticas e pela gentileza com que sempre nos atendeu.

A todos os parentes, amigos e colegas de trabalho que de alguma forma contribuíram para a realização desta pesquisa.

Sumário

	Página
INTRODUÇÃO	1
Capítulo I.....	5
Televisão, Esporte e Educação Física.....	5
1.1 A contribuição da televisão para o desenvolvimento do esporte moderno....	8
1.2 A televisão na educação e na educação física como ferramenta de intervenção crítica	12
1.3 O fenômeno esportivo e a mídia: história e relações	15
CAPÍTULO II.....	18
A globalização, a indústria cultural e os meios de comunicação de massa e o fenômeno esportivo	18
2.1 O Processo de globalização e a mercantilização no esporte	18
2.2 Globalização, cultura, esporte e mídia	23
2.3 Indústria cultural.....	26
2.4 Os meios de comunicação de massa.....	28
Capítulo III	34
Campo Metodológico.....	34
3.1 Descrição dos procedimentos de pesquisa e coleta de informações	34
Capítulo IV	39
Contexto da pesquisa: análise qualitativa das informações obtidas a partir dos grupos focais	39
4.1 Resumo das reportagens exibidas	39
4.2 Análise qualitativa das informações obtidas a partir dos grupos focais.....	43
Conclusão	72
Referências.....	75

LISTA DE SIGLAS

- ATP** – Association of Tennis Professionals
- BBC** – British Broadcast Corporation
- ESEFEGO** – Escola Superior de Educação Física de Goiás
- EUA** – Estados Unidos da América
- NBA** – National Basketball Association
- RCTV** – Rádio Caracas Televisión
- SESI** – Serviço Social da Indústria
- UCB** – Universidade Católica de Brasília
- UFBa** – Universidade Federal da Bahia
- UFG** – Universidade Federal de Goiás
- UFRJ** – Universidade Federal do Rio de Janeiro
- UFV** – Universidade Federal de Viçosa
- UnB** – Universidade de Brasília
- URSS** – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Resumo

A Relação Mídia–Esporte: um estudo das mensagens esportivas na televisão e seus efeitos na prática da Educação Física escolar, na percepção do professor

Autor: Dori Alves Júnior

Orientador: Dr. Aldo Antonio de Azevedo

O presente estudo tem por objetivo analisar no discurso de professores de Educação Física que atuam em escolas públicas do DF, referências e comentários acerca de mensagens esportivas veiculadas pela televisão, que possibilitem sua inserção em aulas de Educação Física. O referencial teórico de base envolve estudos sobre a mídia, o esporte e a Educação Física na escola, com o objetivo de focalizar e relacionar esses fenômenos no campo científico. A partir de uma investigação com a utilização da técnica de pesquisa dos Grupos Focais, foram coletadas informações de professores de Educação Física de escolas públicas do Distrito Federal, que também são alunos do Curso de Especialização em Educação Física Escolar da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília – UnB. Os resultados da pesquisa demonstram que alguns professores já inseriram o estudo reflexivo da mídia em sua prática cotidiana na escola, mas de forma ainda pontual e não sistematizada. Apontam, também, a existência de contradições e possibilidades pedagógicas nas mensagens esportivas da televisão.

Palavras-chaves: Educação Física, Esporte, Televisão

Abstract

The Link Media-Sport: a study of the messages in television sports and their effects in practice Physical Education school, in the perception of teacher

The present study has for objective to analyze in the discourse of Physical Education teachers who work in public schools of the DF, references and commentary on sports broadcast messages on TV, which enable their integration into classes of Physical Education. The theoretical referential of base involves studies about the media, the sport and physical education on the school, for objective to focalize and to relate those phenomenon in the scientific field. Starting from an investigation with the use of the research technique of the Focal Groups, physical education teachers of the public schools from Distrito Federal information were collected, that are also students of the Course of Specialization in Physical Education School, in Physical Education University, of the University of Brasília–UnB. The results of the research demonstrate that some teachers already inserted the reflexive study of the media in your daily practice in the school; but, still, in way punctual and not systematized. They point, too, the existence of contradictions and pedagogic possibilities in the sporting messages of television

Keywords: Physical Education, Sports, Television,.

INTRODUÇÃO

Atualmente é possível perceber o grande apelo do esporte de rendimento na mídia, com grande ênfase na técnica e na competição, o que de certo modo contraria aos ideais de cooperação e participação necessários à prática da Educação Física escolar.

Dado que há uma clara dicotomia entre o esporte de rendimento (aquele visto na mídia) e o esporte educacional (conteúdo da Educação Física escolar), faz-se necessário que no ambiente escolar o esporte seja inserido de forma lúdica e pedagógica, e não essencialmente competitiva. Além disso, é imprescindível entender a relação entre Educação Física escolar e mídia, de forma a permitir que os professores reflitam se estão agindo como educadores ou treinadores e, portanto, possam adequar sua prática aos ideais de uma educação cidadã, em que emancipação, superação, cooperação e participação (valores imprescindíveis ao desenvolvimento pleno do ser humano) estejam em primeiro plano.

O interesse pelo tema surgiu já na época do curso de graduação em Educação Física, na Faculdade de Educação Física da UnB, em decorrência de não ter havido nenhuma abordagem sistemática do tema *mídia esportiva*, mas apenas alguns estudos isolados sem perspectivas reais de aprofundamento. Essa ausência do tema na graduação causa um certo vazio na formação profissional e acadêmica dos graduandos em Educação Física.

Tal interesse também se justifica pelo fato de gostar de televisão, tanto como telespectador quanto como crítico das mensagens, e, além disso, por acreditar que, a partir de um entendimento crítico, é possível extrair mensagens relevantes da programação televisiva. Para isso é necessário compreendê-la na sua essencialidade. Esse desejo de fazer uma leitura crítica da mídia esportiva, associado à referida ausência

de análise da mídia no curso de graduação explicam nossa intenção de estabelecer relações entre a mídia esportiva e a Educação Física na escola.

À época do curso de Especialização em Aspectos Teórico-Metodológicos da Pesquisa em Educação Física, pela Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, entre os anos de 2004 e 2005, optamos por pesquisar o tema *Os efeitos da mídia esportiva, com destaque para a televisão, na Educação Física escolar*.

Por meio de uma pesquisa bibliográfica e de uma pesquisa de campo, com a aplicação de questionários a professores e alunos de Educação Física dos ensinos fundamental e médio de algumas escolas da rede pública de educação na Região Administrativa de Taguatinga-DF, desenvolvemos uma investigação preliminar sobre o tema. A partir dessa investigação, produzimos o texto *Implicações da veiculação de jogos e programas esportivos pela televisão, na prática da Educação Física, a partir da percepção de professores e alunos de escolas públicas de Taguatinga-DF*, que foi, posteriormente, apresentado no IV Telecongresso Internacional de Educação de Jovens e Adultos, em outubro de 2005 no SESI, e no V Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte em junho de 2006.

Para o novo projeto de pesquisa apresentado no Mestrado do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, seguimos pesquisando acerca do mesmo tema e propusemos então o seguinte problema de pesquisa para este estudo: “Em que medida o professor de Educação Física do DF tem-se apropriado, de forma crítica, das mensagens esportivas veiculadas pela televisão?” A partir desse problema, apontamos como objetivo geral: analisar, no discurso de professores de Educação Física que atuam em escolas públicas do DF, referências e comentários acerca de mensagens

esportivas veiculadas pela televisão, que possibilitem sua inserção em aulas de Educação Física. E, como objetivos específicos, verificar a possibilidade de inserção do tema *mídia*, em especial da *televisão*, nas aulas de Educação Física, numa perspectiva crítica, e apontar valores e possíveis contradições presentes no conteúdo do discurso.

Assim o presente estudo está estruturado em cinco capítulos, descritos a seguir:

- O Primeiro Capítulo, denominado *Televisão, Esporte e Educação Física*, apresenta um breve histórico das primeiras transmissões esportivas pela TV e do desenvolvimento econômico da relação entre TV e esporte. Citam-se alguns autores da Educação Física que a partir da década de 90 iniciaram seus estudos no campo da mídia, assim como a necessidade de aprofundamento neste campo de pesquisa e a inclusão do tema *mídia* na grade de disciplinas da escola, em especial na disciplina Educação Física. Traz ainda um breve histórico do fenômeno esportivo.
- O Segundo Capítulo, intitulado *A Globalização, a Indústria Cultural, os Meios de Comunicação de Massa e o Fenômeno Esportivo*, traça uma breve gênese da globalização e da sua relação com o fenômeno esportivo, discute a mercantilização do esporte e as implicações econômicas e sociais desta relação entre esporte e globalização. Aborda ainda a questão da Indústria Cultural e suas implicações no esporte e na cultura nacional, além de uma discussão dos Meios de Comunicação de Massa, baseada no livro *Simulacro e Poder: uma análise da mídia* (2006), de Marilena Chauí.
- O Terceiro Capítulo, *Campo Metodológico*, descreve os procedimentos de coleta e análise dos dados,
- No Quarto Capítulo, *Contexto de Pesquisa: análise dos discursos obtidos a partir dos grupos focais*, apresenta-se uma análise de

alguns trechos dos depoimentos que possam responder ao nosso problema e validar nossa hipótese de pesquisa.

- Por fim, apresentamos nossas conclusões e considerações gerais do estudo, assim como novas perspectivas e possibilidades de pesquisa no campo da Mídia e da Educação Física.

Capítulo I

Televisão, Esporte e Educação Física

O esporte como forma de movimento e manifestação cultural tem um indiscutível alcance social, econômico e político. Todos, de algum modo, interagimos com o esporte, seja praticando-o ou assistindo-o.

O esporte moderno tem hoje a mídia — em especial a televisão — como uma de suas grandes divulgadoras, financiadoras e incentivadoras. A televisão é uma fonte inesgotável de formação e informação, está presente na maioria das casas no Brasil e no mundo. Contudo, considerando seu extremo poder de alcance, devemos estar atentos a suas mensagens e imagens.

Acerca dessa questão, é elucidativa a posição de Penteadó (1991), ao afirmar que:

Devido às contradições que encerra, a televisão tem impressionado mais pelo lado de reforço do *status quo*, a serviço do qual existe, do que pelo lado transformador (p.33).

A grande exposição do esporte de rendimento na mídia, principalmente na televisão, tem um papel decisivo para a sua massificação e, como consequência, para a sua prática, por algumas crianças, com objetivos não apenas de entretenimento. Como lembra Betti (1998),

[...] às crianças que se iniciam no esporte, os repórteres sempre indagam com base nas respostas que esperam: Eu quero ser um Romário, uma Hortênciã, ganhar muito dinheiro, chegar à seleção brasileira. Nunca são crianças que brincam, mas a geração do futuro, os craques de amanhã, os atletas do ano 2000. (p.91)

Uma questão importante a ser discutida na escola e nos cursos de formação de professores de Educação Física é a perda do caráter educativo e lúdico do esporte para uma lógica mercadológica. Nesta perspectiva, o esporte deixa de ser uma ferramenta interessante de educação coletiva e passa a ser prática de poucos, acarretando a exclusão de muitos no ambiente escolar.

Em relação a tal discussão, concordamos com Kunz (2001), quando ela considera que, por meio da importância dada ao esporte de rendimento na escola, evidenciaremos diversas histórias de insucesso escolar, pois nesse universo percebe-se que a maioria dos alunos não possui talento especial para o esporte de rendimento. Esse não deve ser motivo para que os alunos sejam excluídos da participação das aulas de Educação Física, pois neste ambiente o esporte deve ter uma lógica educacional.

Eventos esportivos como a Copa do Mundo de Futebol, os Jogos Olímpicos e outros diversos mobilizam um verdadeiro exército de profissionais da mídia televisiva, dentre os quais técnicos, jornalistas, locutores, comentaristas e outros.

Diante desse quadro, é necessário compreender e analisar de forma crítica, o que está por trás do *discurso midiático*¹ via TV e do interesse econômico pelo esporte. De acordo com Eco (2004, p. 325), a televisão é um dos fenômenos básicos da nossa civilização; é preciso, portanto, não só encorajá-la nas suas tendências mais válidas, como também estudá-la nas suas manifestações.

¹ Segundo Pires (2001, p. 36) discurso midiático é a expressão característica da linguagem – imagética, sonora e simbólica – dos meios de comunicação de massa, através da qual conseguem silenciar, publicizar ou recriar evidências, fatos ou expectativas que constituem a cotidianidade da cultura contemporânea, a partir dos interesses ideológicos da sociedade.

Onde se insere, então, a Educação Física como prática pedagógica, tendo o esporte como um de seus principais conteúdos? Como se apropriar de forma crítica das mensagens oferecidas pela televisão e pelo esporte espetacularizado? Os cursos de licenciatura em Educação Física estão formando professores habilitados a intervir e atuar nesse contexto? Essas são algumas das questões que discutiremos nesta dissertação.

No campo da pesquisa em Educação Física, diversos estudos — dentre os quais Pires (2002), Betti (1998, 2003), Batista (2000), Oliveira (2004) e Feres Neto (2001) — apontam para a necessidade de a Educação Física incorporar o tema *mídias* como ferramenta de ensino. Porém, deve-se destacar a necessidade de não se adotar uma visão “apocalíptica” nem tampouco uma visão “integrada” do problema, conforme terminologia já clássica de Eco (2004), que apontava, nos primeiros, uma posição de extremo ceticismo em relação aos meios de comunicação de massa, considerando-os elementos de propagação das idéias da classe dominante; e, nos últimos, identificava uma posição de total ingenuidade, já que consideravam a televisão como um elemento democrático de divulgação da cultura às massas. É necessário, portanto, adotar uma postura crítica frente às mensagens audiovisuais.

De acordo com Pires (2002, p. 129), a restrição do processo educacional à dimensão da competência técnica implica a hipertrofia do pólo adaptativo de formação cultural, negando o desenvolvimento do seu potencial crítico-transformador. Então, é necessário ao professor de Educação Física adaptar seu espaço de aula e sua aula propriamente dita a uma transformação didático-pedagógica do esporte, rumo a uma prática que incorpore valores sociais, afetivos, culturais, cognitivos e, ainda, o desenvolvimento de habilidades motoras, respeitando a individualidade do aluno.

Estudos como os de Férres (1996) e Penteado (1991), dentre outros, indicam possíveis caminhos a serem seguidos ao adotar a temática *televisão* na escola. Esses autores não tratam especificamente da Educação Física, mas da educação para mídia em um contexto geral, o que não nos impede, porém, de inserir nossa disciplina nesta discussão.

Segundo Bourdieu (1997, p. 23), “a Televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população”. A educação, por sua vez, tanto pode ser uma ferramenta de superação desse monopólio de formação, como, ao contrário, pode ser também um meio de manutenção desse monopólio.

A discussão sobre a mídia, o esporte e a Educação Física é algo recente, porém autores como Betti (1997), Pires (2001), Durães (2002), Trindade (2003), Oliveira (2004), Leiro (2004) e Feres Neto (2001), dentre outros, têm desenvolvido suas teses de doutoramento e dissertações de mestrado sobre esse tema, e utilizaram diversos autores da sociologia, da filosofia, da comunicação e da educação, dentre outras áreas das Ciências Sociais, para fundamentar suas proposições. Este trabalho pretende contribuir para a discussão nesse campo de pesquisa.

1.1 A contribuição da televisão para o desenvolvimento do esporte moderno

O esporte moderno surge à luz da Revolução Industrial e do surgimento do Capitalismo no final do século XVIII, na Inglaterra, conforme propõem alguns autores, baseados principalmente nas teorias marxistas, e se desenvolve a partir de uma lógica de mercado e da mundialização da cultura, o que se acentua ao longo do século XX, com a globalização e a indústria cultural.

É a partir do surgimento da televisão, em 1936, que a espetacularização do esporte começa a ter espaço em diversos países. Segundo Betti (1998, p. 32), as Olimpíadas de Berlim em 1936 foram televisionadas para os presentes no local. Em 1937, a BBC inglesa televisionou pela primeira vez o torneio de tênis de Wimbledon, e em 1940 uma partida de beisebol foi transmitida nos EUA. Porém, todas essas transmissões ainda contavam com públicos isolados na Europa e nos EUA. Só em 1950 os eventos esportivos são incluídos nas grades de programação das emissoras de TV.

Ao mesmo tempo em que a televisão passa a estar presente de forma crescente nos lares em todo o mundo, o esporte assume, cada vez mais, a feição de mercadoria. Aliado a tal fato, Colleman (1989, p.32) afirmou que as décadas de 1920 e 1930 representaram um divisor de águas para os esportes modernos, já que nessa época se observou tanto um dramático aumento das massas populares e do número de espectadores em eventos esportivos, quanto o progresso dos meios de comunicação em relação ao esporte (primeiro o cinema, depois o rádio e, em seguida, a televisão).

As transmissões das Copas do Mundo de Futebol e dos Jogos Olímpicos Internacionais, primeiro via emissora de rádio e posteriormente via emissoras de televisão, tornaram-se filões com investimentos cada vez maiores por parte da indústria midiática a partir da década de 50, o que, é claro, fez crescer consideravelmente o lucro de tais empresas. À medida que investem na transmissão de jogos, campeonatos e programas esportivos, diversas modalidades esportivas passam a ter maior visibilidade na sociedade.

Segundo Moraes (1998):

Os novos padrões identitários passam a ter íntima relação com a astúcia das mídias ao moderarem psicologias [...] A Idolatria

expande-se na exata proporção em que o esporte emerge como parte da indústria cultural e, por conseqüência, em nicho econômico no mercado mundial. Em metrópoles chinesas, os garotos jogam basquete diariamente, trocam camisa do Mao Tse-Tung pelas camisas do Chicago Bulls e não se cansam de assistir a vídeos esportivos de Michael Jordan, o superastro da NBA (p.19-20).

A televisão influenciou, inclusive, a propagação de determinados esportes, como é o caso do voleibol no Brasil, que na década de 80 contou com uma significativa ampliação no número de torcedores, telespectadores e praticantes, segundo Marchi Júnior (2005):

A capacidade desse meio de comunicação de despertar interesses e aglutinar um elevado número de pessoas das mais diversas regiões e classes sociais em torno da transmissão de um evento esportivo, foi um fator decisivo no redirecionamento e ascensão dos investimentos da iniciativa privada no voleibol brasileiro nos anos 80. (p. 150)

Em contrapartida, a televisão interfere na alteração das regras dos jogos, objetivando sua compatibilidade com a grade da programação televisiva, como é o caso do “tempo da TV” e do fim da “vantagem”, regras inseridas a fim de adequar essa modalidade esportiva ao conteúdo distribuído pela mídia (TV).

Casos como o do voleibol na década de 80 e do tênis no Brasil no final da década de 90, com Gustavo Kuerten, são exemplos clássicos de como o esporte pode se popularizar através de sua maior inserção na mídia. À época do auge da exposição desses esportes na mídia pode-se perceber uma maior procura pela prática dessas modalidades.

Hoje, já no início do século XXI, notamos que grande parte da programação televisiva é dedicada ao esporte, as emissoras abertas têm programas específicos e noticiários exclusivos de esportes, e nas TVs pagas esse fenômeno vai além, com os canais exclusivos de esporte.

O casamento entre a televisão e o esporte tem se mostrado bastante rentável, notadamente para o desenvolvimento do *esporte tele-espetáculo*² e, conseqüentemente, para as emissoras de televisão e empresas a elas associadas.

Segundo Penteadó (1991), a televisão veicula, ao longo do tempo de transmissão, valores e princípios da ética capitalista, como o individualismo, a competição, o materialismo. Então, professores de maneira geral e de Educação Física em particular precisam se posicionar diante desse fenômeno com ações pedagógicas críticas, autônomas e reflexivas.

Nas transmissões de jogos esportivos, é bastante comum locutores esportivos, principalmente de futebol, falarem sobre a “malandragem brasileira” como uma qualidade nata do povo brasileiro, ajudando assim a disseminar e reforçar uma imagem estereotipada do povo brasileiro.

Não se pode negar ou subestimar a força e a importância da televisão na formação das massas. É necessário, portanto, estudá-la a fundo, para que suas mensagens — em geral fragmentadas, descontextualizadas e ideologizadas pela cultura dominante — possam ser devidamente utilizadas no ambiente escolar, de forma contextualizada e crítica, a fim de compreender e superar suas contradições.

² Expressão usada por Betti (1998) para referir-se ao esporte a partir da sua exibição na televisão. Outros autores preferem expressões como esporte de rendimento ou simplesmente esporte espetáculo.

1.2 A televisão na educação e na educação física como ferramenta de intervenção crítica

Algo que se percebe em diversas famílias é o fato de os pais exporem seus filhos logo cedo aos apelos da televisão, pois tem ela um certo poder de paralisia que faz com que as crianças se aquietem passivamente a sua frente. De certa forma há uma transferência de parte do processo educacional, nas mais tenras idades, para a televisão. Assistir a um desenho animado faz com que as crianças mantenham um certo “comportamento” e não “incomodem”, conferindo um certo aspecto de calma e tranquilidade em casa. Tal prática cotidiana evidencia a necessidade de que sejam discutidas e tomadas novas atitudes em relação a programas de televisão.

Os recursos audiovisuais têm a vantagem de serem atrativos por várias razões, dentre elas pela utilização de uma linguagem de fácil compreensão. Utilizar na escola programas televisivos, filmes, documentários e comerciais publicitários, que fazem parte do cotidiano dos alunos, pode ser uma estratégia interessante de ensino. Penteado (2000) lembra que:

a linguagem praticamente onipresente no universo cultural de todos nós na atualidade, não é mais possível ignorá-la na escola, especialmente numa escola que atenda a um projeto democrático, que almejamos construir. Como também não é mais possível admitir-se que aprender a escrevê-la resume-se no aprendizado do manejo puro e simples dos aparelhos gravadores e reprodutores de imagens. (p.116)

Para caracterizar a complexidade, ambigüidade e as contradições constitutivas dos discursos da televisão, lembramos aqui de Bourdieu (1997, p.54), quando diz: “A televisão é um universo em que se

tem a impressão de que os agentes sociais, tendo as aparências da importância, da liberdade, da autonomia, e mesmo por vezes uma aura extraordinária, são marionetes de uma necessidade que é preciso descrever, de uma estrutura que é preciso tornar manifesta e trazer à luz". Entendemos aqui "trazer à luz" no sentido de compreender, de desvendar a ideologia implícita no discurso das mensagens televisivas, sendo a educação uma importante ferramenta para tal fim.

Porém, é necessário certa cautela ao utilizar essa ferramenta para as crianças menores, pois elas ainda aprendem pela visualização, pela repetição e pela imitação. Programas com mensagens educativas, normalmente fora das emissoras comerciais e presentes nas TVs educativas e públicas, devem ser priorizados, evitando-se programas meramente comerciais que têm como objetivo principal, mesmo que implícito, o incentivo ao consumo.

Considerando as crianças mais velhas, acredita-se ser possível utilizar programas educativos, mas com cuidado de não se adotar uma visão romântica, como se fossem esses os únicos programas a que elas assistissem. Para essas idades, em torno dos 12 anos em diante, não podemos fechar os olhos para a realidade: o que se assiste normalmente são programas com fins comerciais, marcados pela lógica de mercado, ou seja, programas que por vezes estigmatizam o corpo, suscitam a violência, a discriminação, o consumo e o individualismo.

A escola não deve negar essa realidade, mas pode se utilizar desses programas para uma reflexão acerca do seu conteúdo, despertando nos jovens um olhar mais crítico para a televisão, estimulando-os a perceber e compreender o "mascaramento" das mensagens televisivas a fim de que deixem de ser meros sujeitos-receptores passivos de informações e passem a entender melhor o alcance desses programas e os valores por eles disseminados, tornando-

se capazes de adotar uma postura de contraposição à lógica que subjaz as mensagens televisivas.

Trata-se da discussão não de uma disciplina específica que estude o conteúdo midiático, mas de um tema transversal que deve transitar por todas as disciplinas e, ainda mais, uni-las nas suas discussões. Defende-se, portanto, o estudo da “mídia” como um tema transdisciplinar. De acordo com Morin (2006), trata-se de estimular pela educação a *inteligência geral*, através do contexto, do global, do multidimensional.

Um programa que trate, por exemplo, de moda e beleza pode ser utilizado pelo professor de Educação Física e de Biologia para discutir temas relacionados ao corpo; pelo professor de Sociologia para discutir conceitos de moda e beleza na sociedade, e por outros conforme sua relação com determinada disciplina.

O conteúdo da TV é bastante contraditório. Quem não se lembra, há alguns anos atrás, da veiculação de comerciais de cigarro com pessoas praticando esportes de aventura? Sabe-se muito bem, e os dados estatísticos de saúde pública comprovam esta afirmação, que o hábito de fumar causa diversos males à saúde e de forma alguma combina com uma prática esportiva saudável. Segundo Nagamini (2000, p.43), a linguagem da propaganda é essencialmente persuasiva, pois sua finalidade é vender serviços, idéias, imagens, etc. Neste caso fica claro que a idéia difundida ali é de passar uma falsa imagem de que um fumante também pode estar ligado à prática “saudável” que é o esporte.

Outra questão importante é que o Brasil está entrando na era da tecnologia da TV Digital. Na cidade de São Paulo as transmissões se iniciaram em dezembro de 2007, e o Ministério das Comunicações promete para até o fim de 2008 o início das transmissões para 14 principais capitais no país, estendendo-se nos anos seguintes às demais

idades brasileiras, com previsão de em sete anos ter o sistema totalmente operante no país.

Esse sistema promete mais qualidade de imagem e som e, o que é melhor, segundo seus defensores, uma maior interatividade e controle por parte do telespectador, além de maiores possibilidades de transmissão de TVs abertas, facilitando a criação de canais universitários, comunitários, educativos e outros diversos de interesse público. Provavelmente, essa nova tecnologia dará mais autonomia ao telespectador, em função dessa possibilidade de ampliação do número de canais abertos, diferentemente do quadro atual, em que predominam as TVs Comerciais.

Tal discussão ainda está muito incipiente e imatura. É preciso que a sociedade se posicione e tenha voz diante dessa questão, para que a TV Digital não se torne, mais uma vez, instrumento de alienação das massas, de dominação pelos poderosos conglomerados de comunicação existentes no país.

Então, tem a escola o papel essencial de levantar a questão junto a seus alunos, fomentando o debate e mobilizando a sociedade civil, juntamente com outros grupos organizados, como Universidades, associações, sindicatos e entidades diversas que queiram uma programação televisiva de melhor qualidade.

1.3 O fenômeno esportivo e a mídia: história e relações

O fenômeno esportivo é algo que se faz presente nas quadras das escolas, nos campeonatos dos clubes e associações, no barro do campo da favela, nas conversas em mesas de bares, nas propagandas e nas programações televisivas. Para o esporte não há fronteiras,

principalmente quando ele se alia ao processo de globalização tecnológica e informacional.

É difícil dissociar o esporte contemporâneo dos meios de comunicação em massa. A relação esporte-espetáculo vem alterando rapidamente a maneira como praticamos e percebemos o esporte. E o elemento-chave dessa transformação é o espectador, disposto a pagar para assistir a uma competição esportiva, assumindo assim uma característica de consumidor do espetáculo esportivo.

De acordo com Betti (1998, p.33), a partir da década de 60, com o aumento da transmissão ao vivo de eventos esportivos, torna-se proeminente uma nova figura na história do esporte: o telespectador. O esporte transformou-se num espetáculo modelado de acordo com a forma a ser consumido, disseminando a indústria do lazer e entretenimento, sendo a televisão uma das principais responsáveis por essa disseminação.

Betti (1998) classifica da seguinte forma a programação esportiva: a *"falação"* (informa e atualiza: quem ganhou, quem se contundiu, qual foi o prêmio), *"Cotidiano"* (o esporte está em toda parte, em nosso dia-a-dia), *"Ao vivo"* (que amplificam o drama dos eventos e criam uma cumplicidade com o telespectador), *"Nostalgia"* (recorda nostalgicamente do passado, dos "velhos tempos"), *"Adrenalina!"* (a aventura, o risco, os esportes radicais), *"Esporte global"* (com ênfase nas transmissões de eventos internacionais, do esporte no mundo), *"Espetacular"* (com ênfase no *close*, no *replay*, predileção pelo inusitado, pelo acidental), e o *"Anúncio Publicitário"* (que sintetiza todas as formas da linguagem televisiva).

Segundo Pires (2002, p.77), "com a aplicação de novas tecnologias de comunicação no campo da transmissão eletrônica do esporte, o espectador, presente no local da disputa, e o telespectador,

que assiste pela televisão, consomem espetáculos diferentes”. A televisão, apoiada nos seus diversos recursos técnicos, pode fazer existir um processo de mediação entre a realidade e a imagem, que envolve a seleção e edição dos fatos e cenas, buscando uma maior espetacularização, em geral motivada pelo lucro.

O *close*, a câmera lenta, o *replay*, as mini-câmeras acopladas aos capacetes e outros recursos são utilizados para acentuar o realismo das imagens.

Entre a intenção de quem veicula a imagem e o efeito que ela produz, existe o telespectador, dotado de diferentes níveis e capaz de gerar diversas interpretações das mensagens. É ele o principal alvo da mídia. Ele pode ser um mero telespectador passivo, consumidor de informações e produtos, mas também pode ser um agente crítico capaz de filtrar e interpretar criticamente o que lhe é transmitido. A escola certamente pode desempenhar um importante papel na formação de tais telespectadores críticos.

CAPÍTULO II

A globalização, a indústria cultural e os meios de comunicação de massa e o fenômeno esportivo

O presente capítulo tem por finalidade discutir a relação entre a globalização e o fenômeno esportivo, partindo de sua gênese e entendendo como essa relação se produziu num contexto social, econômico e histórico. Apresenta também uma breve discussão das implicações da indústria cultural na cultura nacional e no esporte e ainda uma discussão conceitual e ideológica dos meios de comunicação de massa, com destaque especial para a propaganda, o rádio e a televisão, a partir da visão de Marilena Chauí (2006).

Nesta perspectiva de análise, é necessário se discutir também o papel da mídia: Como ela contribui para o avanço da globalização e qual o seu efetivo papel social? Teria a mídia o papel de simples divulgar os ideais da globalização ou deveria ter o papel de discutir imparcialmente a questão? E, ainda, como a Indústria Cultural influencia nesse processo?

Essas são questões a serem discutidas no presente capítulo, que aqui não se esgotam, pois esse é um tema polêmico, que ainda gera muita controvérsia.

2.1 O Processo de globalização e a mercantilização no esporte

O início do processo de globalização é fonte de diversas discussões entre historiadores e outros estudiosos: alguns defendem que começou ainda no período das grandes navegações, durante os séculos

XV e XVI; outros acreditam que se trata de fenômeno moderno, que se desenvolveu a partir do colapso da URSS e da queda do muro de Berlim.

Alguns dos autores que defendem a globalização como sendo um fenômeno com raízes antigas consideram a existência de diferentes fases da globalização: a) primeira fase, dominada pela expansão mercantilista (de 1450 a 1850) da economia européia; b) segunda fase, de 1850 a 1950, caracterizada pelo expansionismo industrial-imperialista e colonialista; c) terceira fase, corresponde à globalização recente, acelerada a partir do colapso da URSS e da queda do muro de Berlim, de 1989 até o presente.

Independentemente de sua gênese, a globalização se caracteriza pela acentuação da circulação do capital mundial, pelo aumento do consumo global e pela aproximação das culturas, num movimento tendente à homogeneização da cultura em detrimento das diversidades culturais regionais.

Nos estudos sobre a globalização, destacam-se as pesquisas e discussões propostas por Octávio Ianni (1996), para quem:

A globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial. Um processo de amplas proporções envolvendo nações e nacionalidades, regimes políticos e projetos nacionais, grupos e classes sociais, economias e sociedades, culturas e civilizações. Assinala a emergência da sociedade global, como uma totalidade abrangente, complexa e contraditória. Uma realidade ainda pouco conhecida, desafiando práticas e ideais, situações consolidadas e interpretações sedimentadas, formas de pensamento e vãos da imaginação. (p. 11)

Vários pesquisadores, dentre os quais Santos (2000, p.65), discutem os aspectos negativos da globalização: “a globalização mata a

noção de solidariedade, devolve o homem à condição primitiva do cada um por si, é como se voltássemos a ser animais da selva, reduz as noções de moralidade pública e particular a um quase nada”.

E alguns autores também consideram que a economia global favorece ainda o processo de oligopolização das mídias. Moraes, em seu *Planeta Mídia* (1998), traça um interessante relato das megafusões de empresas de informática, comunicação e telecomunicação no mundo todo, quando afirma que:

A oligopolização das mídias insere-se no painel de forte concentração de comandos estratégicos e de mundialização de conteúdos, mercadorias e serviços, facilitada pelas desregulamentações, pelas supressões de barreiras fiscais, pela acumulação de capital nos países industrializados, pela deslocalização geográfica das bases de produção e, evidentemente, por redes tecnológicas de múltiplos usos.

Isto se reflete numa expansão do processo de desenvolvimento da comunicação, criando nos indivíduos uma sensação de necessidade de informação e comunicação para a sua existência. Esse avanço tecnológico e informacional, conseqüência dessas megafusões, tem nos tornado de certa forma consumidores-reféns dos produtos e serviços postos em circulação por essas megaempresas.

O esporte está entre os diversos bens e produtos culturais que, com a globalização, teve seu alcance mundialmente ampliado. Provavelmente o esporte seja um dos produtos ou bens culturais que tenha obtido a maior visibilidade midiática com a globalização; basta observar a transmissão de eventos como a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos, que atingem praticamente todos os países de mundo. Possivelmente não haja outro evento que mobilize tão grandes equipes de

trabalho em sua organização e transmissão. Emissoras de televisão de todo o mundo reúnem verdadeiros “exércitos” na transmissão desses jogos, montam-se grandes estruturas, movimentam-se grandes quantias financeiras, grandes empresas compram cotas publicitárias durante a transmissão dos jogos. Evidencia-se, assim, uma relação direta entre o esporte e o mercado.

O esporte de rendimento é, portanto, dotado de grande poder econômico e tem a televisão como uma de suas principais parceiras de divulgação e de acumulação de capital. Hoje é possível acompanhar o Campeonato Italiano de Futebol ou a Eurocopa, por exemplo, inclusive na TV aberta no Brasil. Vêm-se hoje, no Brasil, pessoas que torcem e consomem produtos de diversos times do futebol europeu, do basquetebol norte-americano e de outras diversas modalidades. Estes são alguns dos exemplos de como o esporte também se apropria do “encurtamento” de distância, de espaço, de tempo — ou da “compressão espaço-temporal”, nos termos de David Harvey (Chauí, 2006 p.32).

O motivo para essa quebra de fronteiras ocorre em virtude de o esporte possuir uma linguagem simples e uma cena pronta, o que facilita o seu entendimento. É possível compreender uma partida futebol, de voleibol, de basquetebol ou ainda uma competição de atletismo ou de natação mesmo sem locução na língua local, seja no Brasil, na África ou no Oriente Médio. Daí, um dos motivos pelos quais os eventos esportivos incorporam-se com certa facilidade à lógica do mercado, visto que tanto o esporte quanto as empresas que transmitem seus eventos saem ganhando em termos econômicos com esta parceria.

Hoje o mercado do futebol movimenta mundialmente vultosas cifras nas suas diversas transações comerciais. Jogadores de futebol brasileiros são comercializados por diversos times no mundo afora. O comércio de jogadores, como se fossem mercadoria, tornou-se “normal”.

Transações milionárias de grandes jogadores de futebol comumente veiculadas pela mídia, falseiam uma realidade nada “glamourosa”: a de outros jogadores que saem do país com a falsa promessa de jogar e ganhar muito dinheiro; porém, ao chegar a alguns países, percebem que a realidade é outra, e inclui condições subumanas de trabalho, excesso de treinamento, salários baixos. Outros ainda são abandonados, tendo que viver em condições de miséria em um local estranho a sua cultura e a sua origem, obrigados a conviver com a discriminação, o preconceito, a miséria. Neste caso, não deveria a TV denunciar com maior frequência esta situação, prestando um verdadeiro serviço social?

A máscara de globalização faz com que tudo pareça belo, disseminando a idéia de que a sociedade só teria a ganhar com a expansão do mercado e da economia mundial. O esporte se insere como um excelente “garoto propaganda” dessa lógica de mercado. Como é um fenômeno visto e praticado por multidões em todo o mundo, as empresas tiram proveito de sua popularidade e o transformam em mercadoria, utilizando-o para a venda de produtos, pois sua imagem é associada a saúde, beleza, competência, divertimento e outras qualidades diversas.

Na lógica da expansão do mercado esportivo, criaram-se diversos heróis ou mitos no esporte, tidos como modelos de comportamento, símbolos de ascensão social, corporificados na figura do “garoto pobre que saiu da favela e tornou-se ídolo no esporte, ganhou muito dinheiro, ficou rico”. Tal tipo de imagem é explorada pela mídia como uma das grandes características do esporte; porém, a história do garoto pobre que, após diversas frustrações e decepções em busca do sonho de ser um grande jogador, abandona o esporte e torna-se vítima do tráfico de drogas, fica restrita a reportagens isoladas, parecendo ser a exceção.

Submetido à lógica capitalista da qual faz parte, o esporte também precisa de uma massa de “proletários” para sustentar e permitir a existência de algumas estrelas. Poucos são os escolhidos; definitivamente, não há espaço para todos.

É a imagem glamourizada e mercantilizada do esporte que exerce influência sobre as crianças e jovens, sobretudo de periferia, que ignoram outras realidades. Não se pode, porém, julgá-los e condená-los, pois esse é o modelo ao qual eles têm acesso diariamente por meio da televisão.

2.2 Globalização, cultura, esporte e mídia

Como é possível perceber, a globalização tem ramificações nas esferas política, econômica, social e cultural. No campo econômico, países mais ricos ditam como deve ser a economia dos países mais pobres; na política, as nações mais ricas e poderosas interferem nas disputas democráticas das nações mais pobres; na cultura, impõem comportamentos, atitudes; e na sociedade aumenta sensivelmente o abismo existente entre os mais ricos e os mais pobres.

Sobre as consequências da globalização para além da economia, Betti (1997) considera que:

Potencializadas pela velocidade dos meios eletrônicos, as produções materiais e espirituais mundializam-se. A grande reprodução do capital assim como o desenvolvimento das produções efetuam-se em âmbito global. A globalização não é um fenômeno apenas econômico, traz consigo amplas consequências sociais, políticas e culturais, afeta as formas de trabalho e vida, modos de ser e pensar, produções culturais e formas de imaginar. (p. 226)

Alguns assuntos como saúde, educação e meio-ambiente passam a ser percebidos como internacionais, relacionados à harmonia da sociedade global. A globalização é um novo ciclo mundial, que carrega consigo valores de racionalidade, desenvolvimento, civilização, modernização. A Indústria Cultural, sob o efeito multiplicador dos meios de comunicação de massa, “reeduca” os povos e nações.

Os interesses das classes dominantes, em escala nacional e global, têm sido cada vez mais garantidos pela expansão da Indústria Cultural e, sobretudo, pelo desenvolvimento dos meios de comunicação de massa que reúne todos os recursos da mídia impressa e eletrônica. Segundo Moraes (1998, p.50), “a informação tornou-se fonte alimentadora das engrenagens indispensáveis à hegemonia do capital”.

Segundo Charaudeau (2006),

as mídias são um suporte organizacional que se apossa das noções de “informação” e “comunicação” para integrá-las em suas diversas lógicas, econômica [...], tecnológica [...] e simbólica no sentido de servir a democracia. É justamente nesse ponto que se torna objeto de todas as atenções, do mundo político, que precisa dela para a sua própria visibilidade e a utiliza com desenvoltura [...]; do mundo financeiro que vê as mídias como fonte de lucro em razão das suas ligações com a tecnologia e o *marketing* em escala mundial [...]; do mundo das ciências humanas e sociais, dentre as quais a Sociologia, que se interessa pelo impacto das mídias sobre a opinião pública, a Semiologia que estuda a encenação da informação, a Filosofia e a Antropologia Social que questionam a constituição dos vínculos sociais nas comunidades modernas sobre a influência das mídias; do mundo educativo que se pergunta sobre o lugar que as mídias devem ocupar nas instituições escolares e de formação profissional, de modo a formar cidadão crítico em relação às mensagens que os rodeiam e

do próprio mundo que, preso a um jogo de espelhos [...], é levado a observar-se, estudar-se e autojustificar-se (p.15-16).

Outra questão importante a ser considerada é a supressão da cultura regional, com uma significativa perda de espaço de prática e divulgação, correndo o risco de ser aniquilada em algumas localidades, abrindo espaço a manifestações culturais impostas pela nova ordem mundial. Exemplo disso é a crescente diminuição das tradicionais apresentações de “quadrilhas” nas festas juninas e o crescente aumento e valorização das festas de *Halloween* “importadas” dos EUA, principalmente no ambiente escolar, seja ele público ou privado, com apoio dos meios de comunicação de massa.

O processo de mundialização é um fenômeno social, de acordo com Ortiz (1994), que premia um conjunto de manifestações culturais. O esporte se manifesta como uma parte importante desse processo. Ao ser assumido e veiculado como um espetáculo, o esporte adquire características de um produto do processo de globalização.

Segundo Pires (2002, p.59), “os fenômenos da globalização da economia e a mundialização da cultura têm como pressuposto a transformação dos bens culturais em mercadorias ou bens simbólicos, e a sua disponibilização aos mercados consumidores mundiais através das novas tecnologias a serviço dos aparatos da mídia”. Percebe-se como o esporte está inserido nesse contexto: sob as normas da Indústria Cultural, os eventos esportivos tornam-se mercadorias veiculadas pela mídia.

Cada vez mais integrada ao cotidiano, por intermédio do seu discurso apoiado numa linguagem audiovisual, a mídia, em especial a televisão, nos transmite informações, direciona opiniões, alimenta nosso imaginário e constrói interpretações do mundo que nem sempre condizem com a realidade.

Também no campo da cultura corporal e do movimento, observa-se a atuação crescente da mídia na construção de novos significados de prática, entretenimento e consumo. De acordo com Betti (1998, p. 17) o esporte, as ginásticas, a dança e as artes marciais tornam-se cada vez mais produtos de consumo. Os jornais, as revistas, o videogame, o rádio e a televisão difundem idéias sobre a cultura corporal e do movimento, e o público infantil e adolescente torna-se precocemente consumidor desses produtos. O esporte-espetáculo seduz os torcedores não só nos estádios e quadras, mas, principalmente, pela televisão e pelos meios de informação e tecnologia.

O esporte então, Segundo Betti (1998, p. 11) é o centro das atenções da mídia enquanto notícia, transmissão de eventos ao vivo ou simplesmente como tema nos anúncios publicitários, nos quais a mídia vende a si mesma e uma infinidade de produtos, ligados ou não ao esporte. O esporte está nas novelas, nos desenhos animados, nos seriados e nos programas de auditório. Nas propagandas, é invocado para vender jornal, remédio, automóvel, refrigerante e outros produtos diversos. Para o marketing esportivo, o importante é estimular o consumo para vender mais e para continuar vendendo sempre.

2.3 Indústria cultural

O termo Indústria Cultural surgiu na escola de Frankfurt, na década de 40, através dos estudos de Theodor Adorno e Max Horkheimer, mais especificamente na *Dialética do Esclarecimento* (1985), onde se observou o processo de banalização da produção e difusão cultural, por meio de sua redução a simples mercadoria de consumo. De acordo com Chauí (2006, p.28), além do controle do trabalho, a classe dominante

passou a dominar também o descanso, transformando tudo em mercadoria.

Para Chauí (2006), a Indústria Cultural:

Em primeiro lugar, separa os bens culturais por seu suposto valor de mercado: há obras “caras” e “raras”, destinadas aos privilegiados que podem pagar por elas, formando uma elite cultural; e há obras “baratas” e “comuns”, destinadas à massa. Assim, em vez de garantir o mesmo direito de todos à totalidade da produção cultural, a indústria cultural introduz a divisão social entre elite “cult” e massa “inculta”.

Em segundo, cria a ilusão de que todos têm acesso aos mesmos bens culturais, cada um escolhendo livremente o que deseja, como o consumidor em um supermercado. No entanto, basta darmos atenção aos horários dos programas de rádio e televisão ou ao que é vendido nas bancas de jornal para vermos que as empresas de divulgação cultural já selecionaram de antemão o que cada grupo deve ouvir, ver ou ler [...].

Em terceiro lugar, inventa figuras chamadas “espectador médio”, “ouvinte médio” e “leitor médio”, aos quais são atribuídas certas capacidades mentais “médias”, certos conhecimentos “médios” e certos gostos “médios”, oferecendo-lhes produtos culturais “médios”. O que significa isto? A Indústria Cultural vende cultura. Para vendê-la, deve seduzir e agradar o consumidor. Para seduzi-lo e agradá-lo, não pode chocá-lo, provocá-lo, fazê-lo pensar, trazer-lhe informações novas que perturbem, mas deve devolver-lhe, com nova aparência, o que ele já sabe, já viu, já faz.

Em quarto lugar, define a cultura como lazer e entretenimento, diversão e distração, de modo que tudo o que nas obras de arte e de pensamento significa trabalho criador e expressivo da sensibilidade, da imaginação, da inteligência, da reflexão e da crítica não tem interesse, não “vende”. Massificar é, assim,

banalizar e divulgar a cultura, despertando interesse por ela, a Indústria Cultural realiza a vulgarização das artes e dos conhecimentos. (p.29-30)

Segundo Pires (2002, p.65-66), há na Indústria Cultural o que os autores chamaram de “incorreções calculadas”, que seriam alguns *outsiders*, surgidos de tempos em tempos, porém controlados pela Indústria Cultural, que, quando não são cooptados pelo sistema, são excluídos; tomados como bizarros ou utópicos, não conseguem os meios técnicos e financeiros para, perseverando na sua contracultura, manterem-se em evidência na mídia.

Acreditamos que a cena cultural da cidade de Recife-PE sirva como exemplo de manifestações culturais que não se venderam à mídia e continuam expondo sua arte de forma livre e independente. Podemos citar alguns casos como a Literatura de Cordel, o Samba do Matuto, o Maracatu e ainda alguns artistas como Jorge Mautner, Selma do Coco, Antônio da Nóbrega, o poeta e escritor Ariano Suassuna, eterno defensor da cultura regional, em especial a nordestina, dentre outros. Há também uma série de jogos e brincadeiras de rua que não aparecem na mídia, mas que são parte constitutiva da cultura e do imaginário brasileiros, como por exemplo, a queimada, o “golzinho”, o jogo de “beti” entre outros. Sua inserção em aulas de Educação Física pode ser encarada como uma divertida e criativa forma de resistência à homogeneização operada pela indústria cultural e pela mídia.

2.4 Os meios de comunicação de massa

Segundo Chauí (2006, p.35) a expressão “comunicação de massa” foi criada para se referir a objetos tecnológicos capazes de

transmitir uma mesma informação para um vasto público ou para a massa. Ainda segundo Chauí, inicialmente se refere ao rádio e ao cinema, pois a imprensa pressupunha a existência de pessoas alfabetizadas, o que não era necessário para o rádio e o cinema. Pouco a pouco, estendeu-se para a imprensa, a publicidade, a fotografia e a televisão.

Chauí, em seu livro, *Simulacro e poder: uma análise da mídia* (2006), faz uma interessante análise sobre os meios de comunicação de massa, destacando a propaganda, o rádio e a televisão.

Em relação à propaganda, explica que a palavra deriva do verbo propagar, que quer dizer multiplicar uma espécie por meio de reprodução, espalhar-se por um território, aumentar numericamente por contágio, irradiar-se, difundir-se e, por extensão, divulgar.

Na era da sociedade industrial, os produtos eram valorizados por sua durabilidade, portanto a propaganda comercial deveria enfatizar esta característica do produto, inventando uma imagem duradoura que se tornava uma marca facilmente reconhecida por todos. Como exemplos, Chauí cita slogans de produtos na década de 40, como: “Melhoral é melhor e não faz mal”, “Cashmere Bouquet, a fragrância para você”.

Já com o acirramento da concorrência entre empresas e produtos e com o advento da sociedade pós-industrial, a ênfase passa a ser no consumismo imediato, pois os produtos já não têm a mesma durabilidade, o que prevalece é o consumo rápido, o produto da moda de hoje já não é o mesmo de ontem. Portanto, a propaganda comercial passa a operar no despertar do desejo que ela realiza: sucesso, prosperidade, segurança, juventude eterna, beleza, atração sexual, felicidade. Ou seja, a propaganda passou a vender imagens e signos, e não as próprias mercadorias.

Os outros meios de comunicação de massa analisados por Chauí são o Rádio e a Televisão. Segundo Chauí, o rádio logo despertou o interesse de sociólogos, psicólogos e filósofos, pois com ele se iniciou efetivamente a informação e a comunicação de massa à distância. Para exemplificar o poder de persuasão e o alcance do rádio, Chauí cita um fato curioso, ocorrido em meados de 1930: o escritor Orson Welles transmitiu pelo rádio seu romance *A Guerra dos Mundos*, que narra a invasão do planeta Terra por marcianos; porém, ele não avisou durante as transmissões que se tratava de uma ficção, e isso causou grande pânico na cidade de Nova York e em todo o país.

Este poder de persuasão do rádio logo foi utilizado politicamente pelo nazismo para convencer a sociedade alemã da grandeza, justiça e poderio do Terceiro Reich.

Como o rádio, a televisão é outro meio de comunicação à distância com possibilidades jornalísticas e folhetinescas, porém com a vantagem de inserção da imagem.

Ainda segundo Chauí, a Indústria Cultural, a televisão e o rádio operam segundo a lógica do mercado de entretenimento e da propaganda comercial. A programação, por exigências comerciais, se divide em programas destinados a segmentos sociais e a faixas etárias distintas — crianças, adultos, donas de casa, adolescentes, homens, mulheres etc. Em outras palavras, o patrocinador não interfere apenas no intervalo comercial, a forma e o conteúdo do programa também exprimem a exigência do patrocinador.

Observa-se também, na programação televisiva, a ausência de referência no espaço e no tempo. Distâncias e proximidades geográficas são ignoradas, fazendo com que o distante pareça próximo e vice-versa. Os acontecimentos são relatados como se não tivessem causas passadas

nem efeitos futuros, existem enquanto objetos de transmissão e deixam de existir quando param de ser transmitidos.

Fatos como o seqüestro da filha de um famoso apresentador de televisão são explorados intensamente pela televisão, sem sequer discutir qualquer relação com as causas possíveis da criminalidade, como desemprego, desigualdade social, exclusão, fome, miséria. Nenhuma informação real é transmitida à sociedade, a não ser a idéia de que criaturas más ameaçam a vida de pessoas de bem e desprotegidas.

Outro fato discutido superficialmente pelos meios de comunicação de massa foram os atentados de 11 de setembro. Mostrou-se repetidas vezes a imagem da colisão dos aviões nas torres, passando a idéia de que o ataque teria sido um ato repentino e insano, sem precedentes. Não se discutiu o que levou a tais acontecimentos, como as relações econômicas e políticas dos EUA com os países do Oriente Médio, não houve nenhuma referência aos interesses econômicos e políticos dos Estados Unidos na região.

De nossa parte, discutimos outro fato de imensa exploração pela mídia, que foi a não renovação da concessão da RCTV, pelo Presidente venezuelano, Hugo Chávez. A televisão tratou aquele fato como ato de ataque à liberdade de imprensa, atitude extremamente antidemocrática; não citou sequer o fato de que aquela emissora já havia sido punida em governos anteriores por exibir conteúdos e programas que desrespeitam as leis venezuelanas, além de promover uma campanha aberta pela derrubada do Presidente Chávez. Também não foi feita referência a uma possível aliança da RCTV com o governo norte-americano contra o Presidente venezuelano.

Para Chauí, há uma situação paradoxal em curso: apesar da aparente saturação da informação, nada sabemos, temos apenas a ilusão de que estamos sendo informados sobre tudo. As imagens são

escolhidas, editadas, comentadas e interpretadas pelo transmissor das notícias, num procedimento deliberado de controle social, político e cultural.

Chauí discute ainda a questão da telenovela que aparece como um relato real, enquanto o noticiário como uma narrativa irreal. A telenovela opera reforçando o senso comum social, mantendo uma clara distinção entre o bem e o mal, a naturalização da hierarquia social e da pobreza, o desejo de “subir na vida”, a recompensa dos bons e a punição dos maus.

De acordo com Chauí, há ainda outros dois efeitos que os meios de comunicação de massa produzem em nossas mentes: a dispersão da atenção e a infantilização. Segundo ela, os meios de comunicação de massa destroem a capacidade de atenção, de concentração, a capacidade de abstração intelectual e de exercício do pensamento. E, ao mesmo tempo, satisfazem imediatamente os desejos, não exigindo atenção, pensamento, reflexão, crítica, provocando uma certa perturbação da sensibilidade e da fantasia. A isso se associa a consideração de Freud, segundo a qual ser infantil é não conseguir suportar a distância temporal entre o desejo e a satisfação dele.

A destruição da capacidade de concentração (dispersão) e a infantilização conduzem ainda a um outro efeito, o estímulo ao narcisismo, pois as imagens e mensagens são produzidas e transmitidas para repetir sempre a mesma mensagem: “eu sou você”. De maneira que a TV não é só o mundo, é também o sujeito, oferecendo um imenso espelho, no qual devemos ver nossa própria imagem que parece estar ali refletida, mas na verdade foi propositalmente produzida para causar tal efeito de identificação narcisista.

Por fim, Chauí tece alguns comentários sobre a obra *Quatro Argumentos para eliminar a televisão*, de Jerry Mander, que foi, durante

15 anos, executivo e relações públicas de emissoras de TV norte-americanas. Para nossa pesquisa, vale destacar uma das regras de transmissão apontadas por ele: sentimentos de conflito televisionam melhor do que sentimentos de concórdia, por isso a competição televisiva melhor do que a cooperação. Eis um dos prováveis motivos do imenso sucesso das transmissões esportivas pela televisão.

Capítulo III

Campo Metodológico

Neste capítulo apresentamos a metodologia, com a descrição dos procedimentos de coleta e análise de informações. Acrescentamos, ainda, uma discussão teoria-empíria, buscando uma melhor interpretação do fenômeno a partir dos dados informados e analisados.

3.1 Descrição dos procedimentos de pesquisa e coleta de informações

Para se compreender o objeto de estudo a partir da percepção dos atores sociais envolvidos, da análise das mensagens televisivas acerca do esporte e da Educação Física e ainda da revisão bibliográfica do tema, buscaram-se procedimentos de pesquisa de cunho qualitativo, mais adequados ao método de investigação escolhido e às especificidades do nosso objeto de estudo.

Como técnica de coleta de informações optou-se pelo Grupo Focal, que, segundo Powell e Single (apud Gatti 2005, p.7), é composto por um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema (objeto da pesquisa) a partir de sua experiência pessoal. Kitzinger (apud Gatti 2005, p.7), diz que o grupo é focalizado no sentido de que envolve algum tipo de atividade coletiva, como por exemplo o ato de assistir a um filme e conversar sobre ele. Lembra ainda que a utilização dessa técnica de pesquisa foi comum nas décadas de 1970 e 1980, em áreas muito particulares como a pesquisa em comunicação, na avaliação de materiais diversos ou de serviços, em estudos sobre recepção de programas de televisão ou de filmes, em processo de pesquisa-ação ou pesquisa intervenção (2005, p.8). Aqui, a

atividade coletiva foi a exibição, análise e discussão do vídeo nomeado na coleta de informações e descrito a seguir.

Entrevistas em grupo podem ser focais e/ou de discussão. Segundo Gaskell (2002, p. 75) “o objetivo do grupo focal é estimular os participantes a falar e a reagir àquilo que outras pessoas no grupo dizem. É uma interação social mais autêntica do que a entrevista em profundidade”. Weller (2006, p. 243) alerta que nos grupos focais as diferenças de *status* entre os participantes não são levadas em consideração, e o debate se fundamenta em uma discussão racional. Diz ainda que os grupos focais se assemelham aos *talk shows* apresentados nas emissoras de televisão, pois um certo número de convidados é chamado a debater um certo tema com a ajuda de um moderador.

Podemos destacar algumas vantagens no grupo focal, como a economia de tempo, pois permite coletar um maior número de opiniões em um menor tempo; permite também uma interação entre os participantes, criando condições propícias para um debate. Porém, também há algumas dificuldades quanto à identificação da voz do ator: no momento da transcrição, pode haver uma certa confusão na identificação das vozes dos entrevistados. Portanto, o entrevistador deve tomar algumas medidas para evitar falhas na transcrição, audição e mesmo na análise.

Para análise dos grupos focais, fundadas em entrevistas com pequenos grupos de sujeitos, e das próprias mensagens esportivas televisivas, optou-se pela análise qualitativa das informações obtidas. Molina (2004, p.112) afirma que o termo “qualitativo” é empregado para sustentar um leque de técnicas de investigação centradas em procedimentos hermenêuticos, que tratam de descrever e interpretar as representações e os significados que um grupo social dá à sua experiência cotidiana. Segundo Campos (2001, p. 183) “se o método

quantitativo caracteriza-se pela busca de precisão e objetividade, o qualitativo, ao contrário, está mais preocupado em aprofundar os temas de estudo, em conhecer de perto a natureza de um fenômeno, os próprios sujeitos enquanto agentes nas coletividades sociais”. Então, uma pesquisa com enfoque qualitativo abre caminho para conhecimento do movimento humano de forma holística, ampla, contextualizada e sempre envolvida com aspectos históricos, sociais e culturais.

A coleta de informações se deu a partir da exibição, para o grupo, dos vídeos “Especialistas mostram as características que cada esporte desenvolve na criança” (12 min) e “Pista de atletismo de asfalto em colégio de bairro pobre faz sucesso entre alunos e professores” (3 min), exibidos no programa Esporte Espetacular da Rede Globo em 08/04/2007. Formaram-se três Grupos Focais, sendo dois com seis indivíduos e um com oito indivíduos, para que se discutissem, através de um roteiro pré-estabelecido pelo pesquisador, temas como: discurso jornalístico sobre o esporte, modelos e padrões esportivos veiculados pela televisão, formação humana ou técnica pelo esporte, acesso às diversas modalidades esportivas na escola, respeito às características individuais e à diversidade, além de outros temas relevantes. Para tanto, foram feitas as seguintes perguntas:

- Alguém de vocês já havia visto esta reportagem antes?
- Você discorda da forma ou opinião como foi colocado na reportagem? Por quê?
- Você concorda com a tese do livro de José Delia, no qual se apresenta um quadro com as características de cada esporte?
- Na sua opinião, reportagens e jogos exibidos na TV podem ser utilizados na sala de aula de Educação Física? Como?

- Alguém já utilizou algum jogo ou reportagem em sua sala de aula? Qual foi o resultado?
- Você acha que a TV tende a um certo direcionamento de opiniões, atitudes e comportamentos? Na sua opinião isso é positivo ou negativo?
- Há algo mais que alguém gostaria de falar a respeito desse tema?
- Para os grupos 01 e 02 foi solicitado que se fizesse uma comparação entre a primeira e a segunda reportagem.

A partir dos alunos do curso de Especialização em Educação Física Escolar na Faculdade de Educação Física da UnB, constituiu-se uma amostra intencional de indivíduos. A maioria desses alunos está atuando em diversas escolas públicas da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

Segundo Gatti:

Privilegia-se a seleção de participantes segundo alguns critérios — conforme o problema do estudo —, desde que eles possuam algumas características em comum que os qualificam para a discussão da questão que será foco do trabalho interativo e da coleta do material discursivo / expressivo. Os participantes devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos de suas experiências cotidianas. (2005. p.7)

As entrevistas em grupo foram todas gravadas com gravador de tecnologia digital e transcritas integralmente.

Os trabalhos foram realizados nos dias 28 e 30 de agosto de 2007, na sala 44 da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília, como parte da disciplina *Sociologia da Educação Física* do

Curso de Especialização em Educação Física Escolar, no período vespertino.

Todos os grupos tiveram a duração de cerca de 90 minutos, sendo os primeiros 30 minutos para apresentação da pesquisa, preenchimento de questionário contendo questões sobre dados pessoais e profissionais, e exibição do vídeo, com as duas reportagens, com um total de 15 minutos de duração.

Pôde-se perceber um grupo bastante homogêneo em termos de formação acadêmica, sendo todos licenciados em Educação Física por universidades como: UCB (a mais citada), Faculdade Dom Bosco de Educação Física, UFBA, ESEFEGO, UFG, UnB, UFRJ e UFV. Seis deles informaram possuir curso de pós-graduação em nível de Especialização. O tempo formação, porém, variou de 2 a 23 anos, e o tempo de magistério de 2 a 20 anos — dados bastante heterogêneos, portanto.

A maioria dos professores atua em escolas públicas em diversas Regiões Administrativas do Distrito Federal, que, segundo eles, apresentam condições e estrutura bem precárias.

Capítulo IV

Contexto da pesquisa: análise qualitativa das informações obtidas a partir dos grupos focais

O presente capítulo tem por objetivo apresentar, analisar e discutir os dados obtidos a partir das referidas reportagens e também os dados obtidos a partir da análise dos grupos focais, levando-se em conta a análise qualitativa das informações. Na análise dos grupos focais, alguns depoimentos foram preservados na íntegra, para fins metodológicos, a fim de apresentar de forma literal e detalhada o seu conteúdo.

4.1 Resumo das reportagens exibidas

Apresentamos aqui um breve resumo das duas reportagens exibidas aos professores, as quais nortearam os debates nos grupos focais. Ao resumir as reportagens, procuramos não emitir juízo de valor, mantendo-nos fiéis ao texto. As opiniões apresentadas são das pessoas entrevistadas e dos repórteres responsáveis pela matéria.

A primeira reportagem do Esporte Espetacular teve o objetivo de mostrar a importância da atividade física na vida de meninos e meninas. Foram entrevistados alguns especialistas, que consideraram a atividade física uma aliada na educação de crianças.

A reportagem mostra o exemplo de José Adriano — adolescente de 16 anos, saudável, empregado como catador de bolinhas, ele pratica esporte três vezes por semana num projeto social no bairro onde mora, em Paraisópolis, na zona sul da cidade do Rio de Janeiro. Na

sua infância, foi um garoto obeso que, segundo sua mãe, tinha altas taxas de colesterol e pressão alta, além de gordura no coração. Por ser obeso, tinha vergonha de freqüentar a escola, pois se sentia discriminado pelos colegas. Depois de entrar para o projeto financiado pelo Hospital Albert Einstein e com a ajuda do professor Arnaldo, sua vida foi mudando, melhorou sua auto-estima e ele voltou a freqüentar a escola.

Em seguida, mostra-se uma entrevista com uma pessoa não identificada, que diz que o esporte pode trazer para a criança uma série de benefícios desde que seja praticado de maneira correta e não seja uma imposição. À pergunta “Em qual esporte vou colocar o meu filho?”, tomada como pergunta que todos os pais se fazem, responde-se: “todos os esportes”.

Bernardinho, técnico da seleção brasileira de Voleibol, confirma em entrevista que todos os esportes são bem-vindos, e completa dizendo que é importante que a criança experimente todos eles. O técnico compara as modalidades esportivas com as disciplinas escolares, dizendo que a criança deve conviver com diferentes esportes, assim como convive com o Português, a Matemática, a Geografia, a História etc., para que no futuro ela se identifique com algum esporte.

Outra situação apresentada na reportagem é a do projeto “Centro de Aprendizado do Esporte”, do Clube Pinheiros de São Paulo, que existe há 30 anos, com crianças de 3 a 10 anos, que aprendem a praticar várias modalidades, visando o desenvolvimento global da criança, segundo uma professora entrevistada. De acordo com a reportagem, o esporte é apenas um “pano de fundo” para as crianças se exercitarem brincando. A mãe de Sandra, uma aluna do projeto, considera que é importante ser uma mãe orientadora, e não uma mãe cobradora, dando liberdade ao filho para que ele escolha o esporte que gostaria de praticar.

A reportagem segue mostrando alguns pais que exageram na torcida. Cita o exemplo do técnico e pai ucraniano que agrediu a filha nadadora, na frente das câmeras, após um mau resultado em uma competição mundial, na qual ela não conseguiu se classificar para as semifinais. Segundo a reportagem, a pressão da família é inimiga de crianças e adolescentes. Mostram-se ainda dois outros exemplos: o do ex-tenista Marcelo Saviola, que começou a treinar aos cinco anos e aos 14 foi o tenista mais jovem a marcar pontos no ranking da ATP, mas esbarrou na pressão psicológica que começava em casa. E por último mostra-se o caso de André, jogador de futsal, que pediu ao pai (o consultor Fernando Rodrigues) que não o acompanhasse mais nas competições para não sentir pressionado.

José Rubens Delia considera que o esporte é a melhor fórmula para preparar a criança para o alto grau de competitividade do mundo de hoje. Segundo ele, a competição não é pecado, e a criança tem muito a aprender com ela: num jogo, a criança vivencia determinadas situações que só poderiam ser vivenciadas depois que terminasse seu ciclo jovem, quando começasse a ter certos problemas profissionais na fase adulta.

O jornalista responsável pela reportagem informa que José Rubens Delia é um especialista em Esporte e Psicologia, autor de dois livros, e que defende a tese de que a partir dos 10 anos a criança está apta a escolher uma modalidade esportiva. Uma das exceções, segundo ele, é a Ginástica Olímpica, pois nela a criança tem que se inserir muito nova, para que aos 10 anos ela já esteja competindo.

O autor apresentou um quadro mostrando a característica de cada esporte. O judô seria recomendado para crianças com problemas de disciplina; a natação, para uma criança mais agitada; o vôlei é ótimo para aquele que é tímido e tem dificuldade de relacionamento; o basquete, para a criança que precisa de velocidade de raciocínio; o futebol traz

controle de agressividade e estimula a criatividade e a agilidade; já o tênis desenvolve poder de concentração; e até os esportes radicais ajudam a criança a ter maior autocontrole. José Delia afirma ser que a aliança entre a quadra e a sala de aula ajudaria a desenvolver múltiplas inteligências — física, emocional e psíquica.

O técnico Bernardinho considera que o professor de Educação Física pode também ajudar os professores de outras matérias menos sedutoras que a Educação Física, já que o esporte, por provocar a paixão dos estudantes, traz o jovem para a escola e, portanto, para o processo de educação.

E o último caso mostrado nessa primeira reportagem é o do colégio EJA, da Zona Sul do Rio de Janeiro, que promove uma integração do esporte com as outras disciplinas, tendo a Educação Física um papel tão importante quanto as outras disciplinas. Os professores trocam informações sobre o comportamento dos alunos e, nas aulas de Educação Física, os alunos se autoavaliam, avaliam situações ocorridas durante as aulas que precisam de uma reflexão, como a relação com os colegas e a percepção dos seus atos. A reportagem traz depoimentos de alguns alunos mostrando a importância desse processo.

E essa reportagem (de aproximadamente 12 minutos) termina voltando ao garoto José Adriano, que não quer ser atleta, mas viu no esporte a chance de se transformar e de conquistar saúde. De acordo com a reportagem, por meio do esporte mais e mais crianças poderão viver a sua história.

A segunda reportagem (de aproximadamente 3 minutos) mostra a história de uma escola do Paraná que construiu uma pista de atletismo numa área abandonada, atrás da escola, em parceria com a prefeitura. Os professores e servidores da escola utilizam-na para se exercitarem, o que auxilia na perda de peso, diminuição do estresse, do

cansaço e ajuda no relaxamento. A pista construída é bem menor que a oficial, mas trouxe mais ânimo para quem quer saúde, e mais sonhos e esperanças para quem quer vencer as dificuldades do dia-a-dia.

4.2 Análise qualitativa das informações obtidas a partir dos grupos focais

Citaremos e analisaremos ao longo deste capítulo trechos de depoimentos coletados nas dinâmicas dos Grupos Focais, para, em seguida, responder à questão em estudo. A literatura pesquisada (referida nos capítulos anteriores e também neste) embasa e legitima nossas proposições e hipóteses.

Partindo de nosso problema inicial de pesquisa — *É possível ao professor apropriar-se de forma crítica e superadora das mensagens esportivas veiculadas pela televisão sobre o esporte espetáculo e conscientizar os alunos acerca da realidade da prática da Educação Física na escola?* — perguntamos aos pesquisados se eles acham que reportagens e jogos esportivos exibidos na TV podem ser utilizados na escola. Todos os indivíduos dos grupos 1 e 3 acham possível e, no grupo 2, dois indivíduos consideram não ser possível.

Questionados sobre *como poderia ser a utilização de tal recurso*, alguns entrevistados que já haviam utilizado esse recurso relataram suas experiências, e outros, que nunca o haviam utilizado, também opinaram quanto às possibilidades de utilização. Logo em seguida, perguntou-se se alguém já havia utilizado programas ou reportagens de TV em suas aulas. Alguns relatos a esse respeito surgiram mesmo antes da inserção da pergunta, em função do desenvolvimento do debate. Citamos abaixo alguns trechos dos relatos, para análise e discussão:

“...Um exemplo foi na segunda-feira à noite, passou um filme, eu acho que era "Com a bola toda", e no filme eles ensinam o DOTBOL, e eu vou ter que pegar o filme e observar direito para ver as regras do filme porque eles querem jogar, num filme que passa segunda-feira à noite, tarde pra caramba, e o menino tem que acordar cedo para o outro dia estar na escola, engano meu, no outro dia mais da metade da turma tinha visto o filme e achou que a gente podia jogar o DOTBOL, que é parecido com a Queimada, mas com outras regras, me comprometi com eles que iria pegar o filme e vou assistir, vou anotar, vou pesquisar pra gente poder jogar”

Esse trecho demonstra como a televisão está presente na vida dos alunos, inclusive num horário em que eles deveriam estar dormindo, segundo a professora, portanto confirmando que eles não assistem apenas a programas matinais ou vespertinos, devendo o professor estar atento e preparado para discutir tais programas. No caso citado no depoimento, trata-se de um filme que tudo tem a ver com a Educação Física; trata-se de um esporte desconhecido no Brasil, mas que os alunos viram na televisão e agora querem conhecê-lo e cobram isso da professora. Ela se comprometeu a pesquisar sobre o tema e informar os alunos sobre o jogo. A partir dessa situação, ela também poderia discutir outras questões, como esportes criados e praticados nas ruas, nas comunidades, inclusive propondo aos alunos que inventassem um novo esporte ou mesmo adaptassem as regras de esportes de rendimento já conhecidos para algo novo, com a finalidade de aumentar a participação de todos. Isto é o que o professor Eleonor Kunz propôs em seu livro *Transformação didático-pedagógica do esporte* (2001).

Segundo Kunz (2001, p.125-126) um dos pontos controvertidos do esporte como prática educacional na formação da cidadania emancipada é justamente a forma que é praticado hegemonicamente, nas competições esportivas e transmitida pelos meios de comunicação (televisão, sobretudo). De acordo com Kunz, esse tipo de prática esportiva não apresenta elementos para se constituir numa

formação geral. Ela propõe, então, a transformação didático-pedagógica do esporte, não no sentido de alterar seu significado, mas de facilitar e democratizar o acesso a tal prática.

Além da televisão, o jornal também é citado por alguns professores entrevistados, como material a ser utilizado em aulas de Educação Física. Vejamos esse tipo de referência no depoimento a seguir:

“Vai ter uma reportagem tal no domingo e vamos assistir, porque nós vamos fazer um debate, tragam o jornal que tenha alguma reportagem de algum esporte, alguma crítica esportiva, alguma coisa de esporte e a gente promova este debate dentro da sala de aula. Depois a gente via o tanto que os alunos cresciam e a visão deles era tão interessante em termos de crítica mesmo. Por que o governo não faz isso? Por que o governo não faz aquilo? Por que tem gente que tem condição e tem gente que não tem condição? Então, cabe a nós aproveitarmos a televisão, já que nós temos essa possibilidade de gravar e mostrar para os alunos, deles irem atrás disso e promover esse caminho na escola.”

Aqui além da questão da televisão, o professor traz outro tema interessante para o debate, que é o jornal impresso, outra mídia de grande alcance, porém ainda pouco disseminada entre os estudantes nas aulas de Educação Física, mas que deve ser incentivada na escola, por exercitar a leitura, a busca de informação, o entendimento crítico de determinadas situações. (Esse trabalho não tem a finalidade de estudar a mídia impressa, mas acredito que ela mereça investigações mais aprofundadas, por se tratar de algo tão importante, mas ainda pouco estudado e incentivado no âmbito escolar).

Vejamos outro depoimento sobre o uso dos esportes transmitidos pela televisão como tema para debate numa aula:

“Eu utilizei agora, justamente agora, com relação ao Panamericano e o Parapanamericano. Coincidentemente o Panamericano foi agora no nosso recesso, e

ficou bom para todo mundo, todo mundo viu. Mesmo na televisão aberta, na Band, na Globo e na Record, boa parte das competições e na grande maioria os esportes populares, os mais conhecidos eram passados na íntegra. O Brasil estava respirando esporte e a competição no Panamericano, e eu fiz uma reflexão com eles sobre a conclusão, o resultado do Panamericano, e peguei uma crítica de um jornal que falava o que tinha sido investido e que talvez devesse, se aquela verba fosse usada para infra-estrutura, em saúde, o que daria para fazer. A gente sabe que o esporte é importante, mas a gente sabe também que foram gasto muito dinheiro, sendo que o Brasil tem dimensões continentais, talvez precisasse mais daquele dinheiro para outras coisas, como saúde, segurança e educação, do que para uma competição em si. Eu fico pensando em uma Copa do Mundo, se houver uma Copa do Mundo aqui o povo enlouquece, e coloquei para eles agora o Parapanamericano, que as competições do Parapanamericano não estão sendo transmitidas como as do Panamericano foram. Será que ver pessoas com dificuldades, pessoas sem pernas, pessoas sem braços, pessoas cegas na televisão competindo vai ofender alguém? E nisso entra a questão da discriminação, e eu trouxe para dentro de sala a questão do gordinho, a do que não dá conta de pegar a bola direito, lá a televisão discriminou enquanto passou os ditos perfeitos, e os atletas do parapanamericano não tiveram os mesmos direitos. E se eu fosse um atleta que estivesse competindo no parapanamericano, eu me sentiria discriminada? Eu coloquei para eles: se eu não conseguisse pegar a bola, se eu não conseguisse correr como os outros correm e se eu não conseguisse driblar como os outros driblam, eu me sentiria discriminada? Você vale pelo que você tem ou pelo o que você é? Então foi muito bom principalmente dos alunos, por exemplo, da 5ª D, que são os maiores, com mais idade, eles tiveram uma compreensão até maior, porque os pequenos e eu já notei, eles já tinham um pouco dessa mentalidade de não discriminar. Os pequenos tinham essa mentalidade, e os grandes não.”

Essa professora aproveitou o momento do Panamericano no Rio de Janeiro, quando a mídia, principalmente a televisão, se voltou para esse evento. Diversas televisões abertas, segundo a professora observou, transmitiram os jogos na íntegra. Ela inseriu dois aspectos importantes na discussão com seus alunos: primeiro, uma crítica do jornal ao alto investimento em infra-estrutura para os jogos, o questionando

quanto à falta de aplicação desse investimento em outras áreas, como por exemplo, a da saúde, que é tão precária; e segundo, a pouca visibilidade e divulgação na TV de outro evento esportivo que ocorreu logo depois, que foram os Jogos Parapanamericanos, disputados por atletas portadores de deficiência física.

Interessante é constatar que ao mesmo tempo em que toda a sociedade, inclusive a televisão, discute a questão da inclusão social das pessoas portadoras de deficiência, percebe-se uma enorme discrepância de visibilidade pela TV dos dois eventos. Bourdieu (1997, p.52) observa que a televisão leva ao extremo essa contradição na medida em que sofre mais que todos os outros universos de produção cultural a pressão do comércio, por intermédio do índice de audiência.

Os Jogos Panamericanos também foram tema da discussão de outro professor entrevistado:

“Eu fiz um trabalho na escola baseado no Panamericano. Eu tive uma idéia de fazer o seguinte: eu não queria que os alunos fizessem um trabalho sobre as modalidades olímpicas com mais notoriedade. Haviam muitas modalidades que eles nunca ouviram falar e eu fiquei muito satisfeito porque eu fiz antes do Panamericano e na semana do Panamericano eu via alunos discutindo sobre modalidades que nunca foram vistas e que nunca foi falado. Mas fica uma crítica: eles tiveram que correr, gastar sapatos, porque nem a internet conseguia dotar de informações. E é o que nós estamos falando, o vôlei, o futebol e o basquete, tinham todas as informações, em contrapartida outros esportes que também começaram esse ano com o Panamericano conseguindo resultados expressivos, eles já sabiam e já conheciam por causa dessa pesquisa. E eu direcionei mesmo: não quero que vocês falem sobre vôlei, sobre basquete eu quero que vocês vão pesquisar atividades que vocês nunca ouviram falar, esportes que vocês não conhecem, e foi o que aconteceu. No final eu vou ser até um pouco otimista, pelo menos na escola que eu trabalho o assunto era Panamericano direto, era a massificação do evento através da televisão.”

O professor acima, também aproveitando o evento dos jogos Panamericanos no Brasil, propôs aos alunos que não enfocassem os esportes já conhecidos e de grande divulgação na mídia, solicitou que procurassem esportes desconhecidos do grande público. A dificuldade dos alunos em encontrar informações sobre esses esportes, conforme relata o professor, confirma que a indústria midiática se interessa apenas pelos esportes de grande apelo popular, que possam trazer um retorno financeiro e que apresentem um maior número de vencedores. Bourdieu (1997, p.123) também relaciona essa seleção a questões políticas, afirmando que cada televisão dá tanto mais espaço a um atleta ou a uma prática esportiva quanto mais forem capazes de satisfazer o orgulho nacional ou nacionalista.

“No Panamericano eu peguei a questão da vaia na abertura e de todo o evento foi trabalhado como um Júri Popular. O que eles acharam em relação à vaia? e a atitude da torcida? Aquela vaia não somente ao Presidente, mas durante todas as competições. Se isso tem benefícios? Se tem malefícios? Qual o valor está empregado na atitude da vaia? Esse é um dos principais recursos, principalmente quando você tem que ficar dentro de sala de aula, quando não pode dividir quadra ou quando chove. Eu acredito, apesar da minha comunidade, eu trabalho com bastante aluno de assentamento, e os alunos hoje são críticos, nós temos mais alunos críticos de que acrílicos.”

Nessa fala, o interessante foi que não havia uma relação direta com o esporte na discussão, mas o professor chamou a atenção para a atitude do público na abertura dos Jogos Panamericanos. Esse tipo de discussão poderia inclusive envolver outras disciplinas, como a Sociologia, por exemplo, pois envolvem questões de comportamento, questões políticas, de sociedade e outras que poderiam ser facilmente aproveitadas por professores de outras áreas.

Outros professores acrescentaram:

“Eu acho um recurso muito interessante, desde que o professor consiga fazer uma leitura crítica das reportagens e levar o aluno a se posicionar e a ~~se~~ colocar também as suas opiniões e não como uma verdade.”

“eu acho que é válido sim, desde que essa reportagem não tenha um fundo tendencioso e que isso seja dialogado também com a criança, não pode deixar uma criança sofrer uma opinião imposta pela mídia dizendo alguma coisa e sem você usar desse recurso e deixar que ela seja vítima.”

“O professor de Educação Física, ele é o mediador, o orientador, ele vai saber selecionar aquilo que é bom, que é interessante, que é produtivo, o que não é tendencioso e vai aplicar na sua disciplina.”

Aqui se percebe a importância da instituição escolar, tomada como um contraponto dos efeitos negativos da mídia. Como vimos, os depoimentos chamam a atenção para a importância da intervenção do professor: ele deve estar preparado para intervir positiva e ativamente nessa questão, para que a educação não se torne uma mera reprodutora dos efeitos negativos da mídia. Para Betti (1998, p.50), “não se pode penetrar na cultura audiovisual pela análise lógica, nem rejeitá-la preconceituosamente, sob pena de aumentar a distância e a falta de comunicação com os jovens. Os adultos e os professores devem compreendê-la pela experiência da imersão e da exposição a novas linguagens audiovisuais”. Os relatos dos professores abaixo complementam essa afirmação:

“Exatamente nisso, deve ser usado todo o material, reportagens e etc? Sim, deve ser usado. Mas depende da postura do profissional. Que tipo de trabalho eu estou fazendo? O que realmente eu quero com as turmas que eu trabalho? Mais uma vez reproduzir o que a televisão faz? Excluir? Essa é a postura que a televisão tem, e nós sabemos que de acordo com as turmas que nós trabalhamos, a idade, o foco do nosso

trabalho, nós vamos construir muita coisa boa nessa criança, e se nós jogamos imagens dessa forma, como a colega falou que são imagens de pessoas perfeitas, imagens de pessoas brancas como padrão para tudo, padrão para o vôlei, padrão para isso e para aquilo, para o futebol são pessoas negras, para o atletismo são pessoas negras e que não têm condições, nós vamos construir e mais uma vez reproduzir dentro do esporte o que a mídia faz conosco no nosso dia-a-dia. Então, é importante selecionar. É válido? É válido. Mas é importante selecionar.”

“Eu queria dizer que cabe aí a forma de discussão, da gente jogar para o aluno a forma de discussão. Vocês não perceberam nada nessa reportagem que a gente pode discutir? Essa reportagem realmente está completa? Então, cabe aí a função do professor como mediador.”

“Trazer o senso crítico para a sala de aula, você usar todas essas situações e despertar no seu aluno esse senso crítico de você achar que nem tudo é perfeito e que existem situações sociais, existem construções sociais, onde existem essas diferenças, você precisa mostrar para ele que existem coisas que tem diferenças, e onde existe exclusão você tem que trabalhar com o aluno essa questão da exclusão e da inclusão, fazer o aluno criar esse senso crítico neles. Se a reportagem é tendenciosa, você tem que dizer para o aluno que essa reportagem traz uma mensagem embutida, uma mensagem subliminar, você vai tentar trabalhar com o aluno, para ele, vai avaliar se aquela reportagem realmente é de interesse dele ou se é de interesse da própria televisão que está colocando na reportagem. Você tem que colocar em discussão, usar a reportagem como espaço discursivo na sala de aula.”

Os trechos acima confirmam a afirmação de Bourdieu (1997, p.23): “A Televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população”, e nós completamos dizendo que cabe ao professor a responsabilidade de tentar junto aos seus alunos superar esse monopólio de formação, desconstruindo o discurso por vezes excludente da mídia televisiva, através do debate, da discussão.

O tema também é abordado no depoimento abaixo:

“Eu acho que vou dar uma opinião bem particular, mas é uma coisa que vamos observar bem lá na frente. A televisão é muito excludente, quando eu falei dos portadores e de Educação Física, mesmo tendo passado a criança que foi obesa mas apresentou ela magra, a gente percebe que o perfil é todo igual, todos o meninos branquinhos, aparentemente perfeitos e a criança a gente acha que não, mas ela percebe essas coisas, trabalhando no magistério há 14 anos eu já recebi questionamentos de crianças falando, eu tinha um aluno que era gordo, e os outros falavam que somente magro é que jogava basquete. Eu acho que a televisão, não tem como a gente falar que a pessoa tem que ter um senso crítico, não é, mas ela é tão visual que não tem como você falar que tem que olhar pelo outro lado, que outro lado se a primeira coisa que você vê é a imagem, depois você ouve, depois você observa e começa a...”

Já este professor tem uma visão bem “apocalíptica” da televisão, conforme a terminologia usada por Umberto Eco (2004). Embora tenha razão quando disse que o visual é o primeiro que chega, que a imagem é muito forte, ressaltamos que é possível através de debate contrapor a imagem e até propor ou mesmo inventar uma nova imagem, a partir do que foi visto na TV.

“Eu pedi aos meus alunos que assistissem aos jogos para observarem a dinâmica dos jogos, o que realmente é um esporte de alto nível, mas ali eles tinham que ouvir comentários e posturas de pessoas que ou eram ou não da área e que estavam ali defendendo outros interesses e captaram tudo isso nessas transmissões.”

Pôde-se aqui perceber que foi solicitado pelo professor que os alunos prestassem atenção especialmente no discurso dos profissionais envolvidos na transmissão, quando assistissem aos jogos — discurso que às vezes pode discriminar, estigmatizar, incentivar situações desonestas do jogo. Charaudeau (2006, p. 158) aponta que o narrador, para manter a audiência, deve demonstrar suas emoções, fingidas ou sinceras, que se

destinam a dramatizar a narrativa e incitar o telespectador a compartilhar o entusiasmo, a indignação ou o sonho.

E por fim os entrevistados também apresentaram dificuldades no uso das reportagens em sala de aula. Vejamos trechos de alguns depoimentos:

“Eu já desenvolvo um trabalho sistemático em nível de leitura de mídia impressa, eu volto naquela questão do tempo que nós temos com os nossos alunos. Então, é interessantíssimo desenvolver um trabalho crítico, só que um trabalho crítico ele requer tempo e se você tem pouco tempo com esses alunos, você realmente levar à frente essa criticidade é complicado. Então, você teria que ter um tempo para assistir, depois debater para chegar às conclusões. Você precisa gastar três ou quatro aulas para poder chegar nisso, e você não tem, até porque existe a exigência deles de fazer uma parte prática e tal. Ocorre que eu já tive a resistência de pais e de alunos em fazer um trabalho dessa natureza porque "gastou-se muito tempo da aula", mas mesmo assim eu fiz e já cheguei num modelo que não se gasta muito tempo da aula, que é fazer o trabalho em casa, que é uma outra crítica que fazem por fazer o trabalho em casa. A minha maior dificuldade foi na escola particular, porque na escola pública os alunos traziam a reportagem sobre aquilo que era pedido para eles, e na escola particular os pais arrumavam um jeito de burlar as regras do que eu tinha pedido. Então, é interessante, quando você chega com uma proposta dessa tem resistência até da direção. Eu já tive na direção de escola o pai conversando a respeito dessa metodologia e sem a minha presença. Então, existe resistência a esse tipo de trabalho por parte de direção da escola, de pais e de alunos. Você tem pouco tempo para desenvolver esse tipo de trabalho com bastante profundidade, mas eu acho de extrema relevância.”

“Também trabalhei por um bom período com essas reportagens, a gente tem três aulas semanais, no que dessas três eu sempre usei uma para fazermos essa leitura crítica dos esportes, inclusive encontrei essa dificuldade também dos alunos conseguirem as reportagens somente na área de Educação Física. Então, eu abri para que trouxessem qualquer reportagem sobre a Educação, para que pudessemos fazer uma leitura, porque semanalmente era trabalhado uma aula, eram três aulas, duas

práticas e uma teórica, não nessa seqüência exatamente, e uma eles ficariam para fazer as apresentações e eu deixava justamente para casa, reuniam-se em grupos e pegavam as reportagens para colocarem alguma coisa a respeito delas e nós fazermos um comentário na sala a abriam para as discussões... A principio eu iniciei com a Educação Física. Como o colega colocou anteriormente, eu achava muita coisa sobre Futebol, sobre a vida pessoal do atleta A ou B ou da modalidade e não acrescentava muito. Depois eu fui trazendo reportagens de educação em geral para a gente discutir o processo em geral.”

“Eu encontrei essa mesma dificuldade porque a minha proposta inicialmente era a seguinte: se eu tivesse trabalhando vôlei, eles iriam atrás de reportagem de vôlei, se estivesse trabalhando xadrez, reportagem de xadrez, e assim por diante. Eu tive realmente que chegar num ponto e pedir para eles que durante o bimestre eles trazerem uma de xadrez e as outras de Educação Física em geral, e geralmente era de Futebol. Então, eu criei um mural na escola e essas reportagens eram colocadas semanalmente. Até outras pessoas e os pais que estavam visitando tinham acesso a isso. Essas reportagens eram abertas para a Internet, não era somente jornal impresso, podiam procurar na Internet, mesmo assim eles tiveram dificuldade de acharem outras coisas que não fosse Futebol, do Vôlei também, porque do Vôlei existe muita coisa.”

Os professores acima relatam algumas das dificuldades de se usar essa metodologia, dificuldades como: o pouco tempo para as aulas de Educação Física, a resistência dos pais e inclusive da direção da escola, a dificuldade dos alunos em encontrar reportagens sobre determinados esportes. Ainda assim, pelos relatos, podem-se verificar soluções criativas, como realizar algumas atividades fora do horário de aula, tais como a pesquisa a reportagens, assistir programas e filmes em casa para debater em sala, pesquisar não apenas sobre o esporte e a Educação Física, mas também sobre a educação de maneira geral. Isso demonstra que, apesar das dificuldades, é possível ao professor desenvolver esse trabalho, com boa vontade, persistência e criatividade.

Outras questões que orientaram o debate e serão destacadas abaixo para a discussão foram: Você discorda da forma ou da opinião colocada na reportagem? Por quê? Você concorda com a tese do livro de José Delia, que elabora um quadro com as características de cada esporte? Você acha que a TV tende a um certo direcionamento de opiniões, atitudes e comportamentos? Na sua opinião isso é positivo ou negativo?

Em relação à questão “*Você discorda da forma ou da opinião colocada na reportagem? Por quê?*”, embora o foco da questão tenha sido desviado ao longo do debate, foi possível perceber que a maioria dos professores discorda da forma como foram apresentadas as reportagens. Com relação à primeira reportagem, discordam por acharem que ela apresenta uma realidade diferente da maioria das escolas brasileiras, por fragmentar a realidade do esporte e por focar pouco o papel do professor. Em relação à segunda reportagem, eles questionaram o fato de as pessoas assumirem o papel que teoricamente seria do Estado; não houve uma crítica quanto à reportagem em si.

Destacamos abaixo alguns trechos das respostas dadas a essa pergunta.

“Eu discordo do foco da reportagem, que ela foca a Educação Física como a salvadora do problema em si...”

“O vídeo coloca o esporte como uma solução para educar o aluno, aumentar a auto-estima, mostra assim tudo maravilhoso, tudo perfeito, todos os recursos, todo mundo feliz, todo mundo saudável, bem alimentado, calçado, e a nossa realidade é bem diferente, a gente sabe como a maioria dos brasileiros, principalmente trabalhando com nossos alunos, eu também não tenho experiência diferente das colegas e alunos que não têm sequer um tênis para participar das aulas. Acompanhando a reportagem eu fiquei pensando, o conselho deles era que a criança até os 10 anos teria que praticar todos os esportes, como se as crianças hoje em dia tivessem todas essas

possibilidades, como se eles tivessem acesso a tudo isso, a todos os esportes, tivessem toda a condição, os pais esse tempo e essa orientação para encaminhá-los para escolinhas de esportes.”

Os dois comentários acima chamam a atenção para um importante aspecto presente no discurso da mídia, do governo, da sociedade em geral, que é a idéia de que praticar esporte seria a solução para diversos problemas sociais. Diz-se: “praticar esporte livra das drogas”, “a prática esportiva regular ajuda no combate à violência”, como se isso fosse uma verdade absoluta, mas se esquece que no esporte há a questão do *doping*, da violência, ambos incentivados pela excessiva competitividade comum ao esporte de rendimento. O esporte pode sim ajudar no combate às drogas, à violência, mas para isso precisa ser melhor compreendido e praticado. A prática, por si só, vazia de valores agregados não é capaz de transformar o esportista no “herói” da sociedade moderna. A esse respeito, Assis (2005) afirma que:

“...como a escola, o esporte não serve de forma absoluta à reprodução da sociedade capitalista. Cabe, no entanto, para não ficar apenas no plano das possibilidades reais do esporte ser uma ou outra coisa. A questão é saber, potencialmente, pelas suas características intrínsecas e pelo seu papel econômico e político, para que lado o esporte pende mais, a que projeto se ajusta melhor? [...] Não levar em conta o exame das possibilidades pode conduzir a um relativismo extremado, em que o próprio capitalismo pode ser tratado romanticamente sob essa perspectiva dialética, ou seja, tanto pode aumentar sua capacidade de fazer mal, com a capacidade de fazer bem”.
(p.113-114)

Os entrevistados também chamam a atenção, como vimos, para as diferenças entre as condições das escolas em que trabalham e das escolas mostradas na televisão:

“Qual é o interesse? Existe interesse no poder, existem interesses de alguma parte e na reportagem mostra muito a realidade da Zona Sul do Rio de Janeiro, escolas da Zona Sul do Rio de Janeiro não são as Escolas Públicas do Distrito Federal, a diferença é imensa, de estrutura e de tudo.”

“foi enfocada a atividade física, e a Educação Física escolar foi mais abordada no ambiente totalmente adequado em termos de materiais, foi abordada praticamente nas escolas particulares, com alunos visivelmente bem tratados.”

“é muito bonito, o interessante foi que no vídeo mostrou o Clube Pinheiros de São Paulo, completamente estruturado, com todo o equipamento, com várias opções, banco sueco, bolas, material para se trabalhar o recreativo dentro da modalidade esportiva, mas a realidade do professor, principalmente de escola pública, longe disso ou de comunidades de São Paulo, do Rio de Janeiro ou das grandes cidades, isso não foi mostrado, foi mostrado como o esporte é importante, inclusive, o esporte do início da reportagem, que foi do menino que emagreceu em função de ter praticado esporte, ele faz parte de um programa que tem o apoio de um hospital, do Albert Einstein, que investiu com equipamento e tudo, agora será que nós conseguiríamos realmente levar o esporte do jeito que a gente quer numa comunidade mais simples ou com falta de recursos, que é o que acontece conosco na Secretaria de Educação?”

Aqui se percebe um destaque para uma tendência da TV de generalizar, tratar situações específicas como se fossem únicas. Exibe-se uma reportagem de situações bem sucedidas, particulares, desconsiderando o universo de situações diversas. A realidade de um colégio de um bairro de classe média-alta é totalmente diferente da realidade de um colégio de um bairro pobre. Percebemos aqui uma característica da globalização que expõe o que é belo, o que dá certo, e “empurra para debaixo do tapete” a pobreza, a miséria, a fome. Não queremos desconsiderar as situações bem sucedidas apresentadas, queremos apenas que se reflita: será que é possível, nas condições existentes, realizar um trabalho como aquele que foi apresentado? A TV não deveria ter também o papel de mostrar outras situações mais

condizentes com a realidade social mais comumente encontrada no Brasil?

Além das críticas quanto ao fosso existente entre as situações televisionadas e aquelas vivenciadas pelos entrevistados, eles também chamam a atenção, em suas falas, para outras questões de ordem política e social:

“no final pegou aquela questão da Educação Física com a pista, mas vocês viram que o professor teve que sair de dentro da escola e fazer um espaço com a ajuda de outras instituições, que já tinha que ter dado o respaldo dentro da escola.”

Uma questão importante a ser discutida: o cidadão cansado de esperar passa a fazer o papel do Estado, o que é típico do Estado neoliberal. Idéias do tipo “faça você mesmo, não espere”, e o Estado vai ficando cada vez mais desobrigado de cumprir o seu papel, e isto com o incentivo da mídia.

Os entrevistados também se referem à utilização, pela TV, dos ícones dos esportes, como se pode observar nos trechos selecionados abaixo:

“Outra coisa, pegaram uma pessoa vencedora, que está na mídia, o Bernardinho, e que está colocando pessoas para vencer, tentaram fazer uma boa propaganda com o Bernardinho da importância do seu esporte como uma pessoa vencedora que ele é, e está colocando outras pessoas para vencerem e vencendo juntos.”

“no âmbito do esporte, no âmbito educacional, quando você menciona uma pessoa que é ídolo como referência, você estimula de alguma forma que o aluno busque de alguma forma se espelhar naquela figura de expressão nacional para também buscar vencer, e eu acredito nisso.”

“Sobre a questão da propaganda. A propaganda é a própria manutenção da mídia. Aposto que você prestou mais atenção no que o Bernardinho falou, mas aos leigos, os pais, prestaram mais atenção no Bernardinho, teoricamente, do que no autor do livro.”

O que foi dito acima é de fato uma característica muito presente na TV, apresentar vencedores, como forma de espelho, de exemplo a ser seguido. Bracht (2005, p. 118) diz que a vida dos heróis-atletas se constitui de grandes aparições, entrevistas pessoais, etc. Eles jogam um interessante jogo que transforma o estado cotidiano mais ou menos racional num turbilhão de emoções, e nisso consiste seu poder.

“Agora você falou da televisão e eu fiquei observando as imagens que eles jogaram, tinha uma mãe chorando e emocionada, que o esporte mudou a vida do filho dela, e isso mexe com a gente. Raras vezes a gente vê crianças maravilhosas, uma coisa linda, participando e jogando com todo aquele material, mostra o esporte maravilhoso, depois você vê vários gordinhos participando, um negro abraçando um branco, e toda aquela harmonia, como se toda a sociedade fosse perfeita e maravilhosa e o esporte também viesse, a única coisa que falta para o seu filho é o esporte, aqui é desse jeito e tal. Eu acho que esse vídeo é uma realidade de uma determinada classe que não é a maioria dos brasileiros, eu acho que dá até uma angústia um pai ver um vídeo desse e dizer assim: —Poxa, aonde eu vou colocar o meu filho se mal tenho dinheiro para levá-lo à escola, mal tenho dinheiro para comprar um tênis, para comprar comida? Até nós, professores, eu tenho meu filho pequeno e fico pensando em que condições eu tenho para mandar o meu filho? No lugar onde eu moro não tem tanta estrutura, e aonde eu vou mandar? Então, eu acho que é angustiante, você vê assim, de um modo geral, a maioria dos vídeos criam um cenário maravilhoso e que não é a nossa realidade, a gente fica querendo buscar, querendo pensar daquela forma, que é somente você ter vontade, que é somente você querer, somente você buscar, e na realidade não é bem assim, existem outras questões envolvidas.”

Esse relato retrata e resume bem a discussão em torno da questão proposta, isto é, a reportagem expôs tudo como perfeito, sem conflitos, sem contradições. Mas na frente da TV há um público que nem sempre é alienado, que consegue perceber as coisas com uma certa clareza, conforme dissemos anteriormente (p.17): *“Entre a intenção de quem veicula a imagem e o efeito que ela produz, existe o telespectador, dotado de diferentes níveis e capaz de gerar diversas interpretações das*

mensagens. É ele o principal alvo da mídia. Ele pode ser um mero telespectador passivo, consumidor de informações e produtos, mas também pode ser um agente crítico capaz de filtrar e interpretar criticamente o que lhe é transmitido. A escola certamente pode desempenhar um importante papel na formação de tais telespectadores críticos". A visão deste e dos outros professores confirma o que afirmamos anteriormente.

Quanto à questão "Você concorda com a tese do livro de José Delia, que elabora um quadro com as características de cada esporte?", pode-se perceber que em geral os professores pesquisados discordam da tese elaborada pelo autor, principalmente por não esclarecer quais os parâmetros que ele utilizou para chegar a determinadas conclusões. Mas houve questionamentos também quanto a afirmações categóricas, generalizações e simplificações.

Entendemos serem relevantes para análise os seguintes trechos:

"Eu posso até não concordar com o que ele falou, os itens que ele colocou, mas que esse trabalho aliado à educação no enfoque de ensino e aprendizagem com Educação Física, sim".

"Eu acho que algumas colocações dele muito finitas, isso resolve, isso resolve isso, coloca que essa modalidade vai fazer a diferença e vai corrigir, o Futsal, ele colocou que tira agressividade e dependendo do aluno gera agressividade. Existem algumas colocações que ele coloca que são muito finitas"

"Eu discordo em parte de algumas coisas. Primeiro das diversas modalidades esportivas, a primeira crítica foi essa. Outra porque depende da forma como esse esporte é trabalhado, para a indisciplina ele coloca que o melhor ali é o Judô para trabalhar a disciplina, mas eu possa trabalhar a disciplina em qualquer outra modalidade tão bem ou até melhor que no Judô. A questão do autocontrole, da violência também, e os esportes coletivos e os esportes ditos de contato favorecem

isso. Eu não concordo com essa classificação generalizada, assim, particular do esporte, não concordo com essa questão que somente aquele esporte é melhor para aquilo, mas a forma com o esporte é trabalhado.”

Esses depoimentos sugerem que, sem estar aliada à educação, a prática desportiva fica esvaziada quanto à aprendizagem de conteúdos sociais, cognitivos, afetivos e motores. O esporte por si só não é capaz de agregar todo o conteúdo. O professor como mediador da aprendizagem é essencial nesse processo.

“Ele coloca como fixo e na Educação Física escolar você não tem como separar o aluno. Você tem que experimentar as diversas opiniões? Eu não concordo com a classificação do livro dele não.”

“Eu discordo da forma como foi colocada, essa especificação de cada modalidade, das habilidades desenvolvidas, até porque existem algumas que são meio intrínsecas na formação da criança e não tem como uma ou duas aulas o aluno vai ficar mais calmo. Você tem acompanhar o desenvolvimento dessa criança do início do ano letivo até o final para você notar se houve ou não uma alteração nesse comportamento. Nisso entra a questão dos parâmetros, quais os parâmetros que ele utilizou e não deixa claro isso.”

Aqui é interessante perceber a questão da fragmentação, que é uma característica da televisão a ser discutida na questão a seguir. Mas já se pode perceber, nas falas dos professores, que essa fragmentação gera generalizações das quais os professores discordam, como se pode ver nos trechos citados acima. O aluno é um todo complexo, influenciado por diversos condicionantes sociais — família, amigos, televisão, escola — ou seja, não se pode simplesmente dizer que tal esporte resolve uma questão como agressividade, por exemplo, sem saber o que levou aquele aluno a ter um comportamento agressivo. E

ainda, como ponderou o professor, o desenvolvimento da criança deve ser acompanhado ao longo do ano letivo.

“Eu posso estar sendo precipitada em questionar, porque eu não sei quais os padrões que ele utilizou pra chegar naquele resultado. O que ele utilizou para analisar que a natação são aqueles três pontos que ele utilizou, e no basquete...”

“Eu prestei atenção e até achei graça, fiquei pensando como seria o meu, ou então pensei no aluno, o que será que o meu aluno daria? E o meu aluno daria para isso. Ver a reportagem eu acho que é pouco, seria legal a gente ler o texto para saber se ele se baseia em alguma pesquisa, se ele observou o comportamento das crianças, mas eu achei interessante, queria saber como ele chegou a esta conclusão.”

Aqui fica claro que a reportagem não esclareceu que parâmetros o referido autor utilizou para chegar àquelas conclusões. Um problema da TV é a apreensão de um fato ou idéia como se fosse verdade, sem discutir ou mesmo esclarecer as variáveis e condicionantes para que se tenha chegado a determinadas conclusões. Bourdieu (1997, p.19) diz que o “acesso à televisão tem como contrapartida uma formidável censura, uma perda de autonomia ligada, entre outras coisas, ao fato de que o assunto é imposto, de que as condições da comunicação são impostas e, sobretudo, de que a limitação de tempo impõe ao discurso restrições tais que é pouco provável que alguma coisa possa ser dita”. Observou-se nos discursos dos professores, porém, que eles não se calam diante das restrições do discurso televisivo, mas estiveram atentos às suas contradições.

Houve um único professor que concordou com os argumentos do autor:

“Eu concordo com o enfoque que ele dá de aliar as disciplinas com a Educação Física para ver a princípio no dia-a-dia da criança. Não estou falando nem de adolescentes, mas eu já comecei pensando na educação infantil e no ensino fundamental.”

Mas mesmo este professor concorda que tudo isso deve estar aliado com a Educação Física, ou seja, que o esporte como prática isolada talvez não alcançasse os resultados apresentados pelo autor.

A próxima questão debatida foi *“Você acha que a TV tende a certo direcionamento de opiniões, atitudes e comportamentos? Em sua opinião isto é positivo ou negativo?”*

Quanto ao direcionamento de opiniões, comportamentos e atitudes, a resposta foi unânime, todos acham que sim, embora não tenha ficado claro se a maioria acha isso positivo ou negativo. Não consideramos isso um problema, mesmo porque não temos interesse em quantificar as opiniões, pois nossa pesquisa é puramente qualitativa.

Destacamos abaixo trechos de depoimentos que nos ajudaram a entender suas opiniões e que embasaram nossas análises. Como se poderá observar, as opiniões emitidas extrapolaram os limites da questão inicialmente apresentada.

“Eu acho também um ponto negativo, que muitas vezes o ex-atleta não está habilitado para falar de certas coisas com informação e tudo. Mas em algumas reportagens que eu assisti até vi pontos positivos de alguns atletas que saíram da periferia e colocaram essa questão, que o esporte de alto rendimento não é para todos, e eu vi muitas reportagens nesse sentido que eu achei interessante, o atleta colocando que nem todos os colegas que começaram a fazer voleibol com ele estão lá hoje, quer dizer uma minoria, ele perdeu esses colegas pelo caminho e hoje ele está lá no esporte de alto rendimento. Eu acho que essas reportagens que foram colocadas são positivas, mas sempre tem esses aspectos negativos que às vezes na hora de fazer um comentário ou uma colocação, tecnicamente falando, eles não estão habilitados. A gente que assiste de uma forma mais crítica essas reportagens, percebemos que ele não está habilitado para estar ali. Inclusive, você vê o ex-atleta corrigindo o comentarista e vice-versa, ele corrigindo o atleta, quer dizer, um corrigindo o outro e a gente cansa de ver isso.”

É interessante observar aqui que o professor achou positivo alertar os jovens que o esporte de alto rendimento não é para todos. Ao mesmo tempo, porém, não se pode negar a valorização social do esporte e do esportista, o *glamour* que envolve o esporte, as reportagens sobre o “carrão” que aquele jogador de futebol comprou, a mansão onde mora aquele outro, as mulheres que fulano conquista — tudo isso traz no imaginário das crianças e dos jovens a ilusão de que aquilo é facilmente conquistável e que é o caminho para a felicidade. Segundo Motagner & Rodrigues (2003, p.58) “crianças e adolescentes sofrem uma maior influência do esporte-espetáculo e conseqüentemente de seus ídolos, pois estes são vistos muitas vezes como heróis”.

“Eu acho que a televisão joga informações fragmentadas, essa é a leitura que a própria mídia utiliza para atrair a atenção de quem está assistindo determinado programa, e concordo em parte com o que o autor Delia coloca no direcionamento da modalidade em relação à área que o garoto vai atingir e discordo em parte, porque todas as modalidades esportivas, não distinguindo nem uma e nem outra, vai promover ao aluno a sensação de vencer, na prática, como os colegas falaram aqui. A sensação de ficar parado, de você ter que estagnar algo que você aprendeu durante determinado tempo e você ficar parado, para recomeçar numa outra leitura, é através do esporte que você consegue desenvolver isso na prática, você consegue respeitar o espaço, a vez do outro, são as regras que delimitam isso, mas você na convivência durante a realização de uma atividade esportiva, você está dentro de um espaço que você aprende a respeitar essas regras, e no contexto geral em relação a vencer determinada modalidade ser benéfica para você atingir um objetivo, todas elas são porque todas elas levam você a vencer, o final do jogo termina com um vencedor e um perdedor, e isso é um fator social hoje, alguns vencem, os melhores vencem e os mais fracos perdem. Concordo também em relação à mídia de ter essa influência direta de jogar as informações fragmentadas com a leitura própria da televisão e não sei qual é a sua intenção nesse aspecto.”

Esse professor refere-se à fragmentação das reportagens como forma de chamar a atenção do telespectador, e ele tem razão, pois

a TV, por questão de tempo, conforme Bourdieu (1997, p.19), por uma questão de objetividade, fragmenta a informação, desconsidera as nuances que a envolvem e justifica isso pelo fato de informar mais — para a mídia, o mais importante é a quantidade de informação e não a qualidade.

“Quando se mostra e sempre traz um fundo tendencioso, isso é negativo, com certeza. Porque a mídia está querendo mostrar o que ela quer vender, o produto que ela está te oferecendo, a imagem que ela quer passar, e isso não é a realidade”

“A mídia vende um produto, os profissionais que estão ali têm uma ideologia. Então, ali é outra escola até, eles vão transmitir os seus valores que eles querem, para estarem passando a ideologia que eles têm.”

“Além da realidade que a televisão mostra ser muito diferente da realidade que a gente vive. O que se mostra na televisão nem sempre, e isso a gente pode dizer que é um percentual muito alto que nem sempre condiz com a realidade. Então, a idéia e a imagem, isso em todos os aspectos sociais, políticos e econômicos, mostram exatamente o pensamento de quem está vendendo a imagem, de quem está passando o conteúdo que está sendo veiculado.”

“Vender” parece ser a palavra-chave da indústria midiática, tudo é comercializável, inclusive a informação. De acordo com Moraes (1998, p.50), “a informação tornou-se fonte alimentadora das engrenagens indispensáveis à hegemonia do capital”. Como se viu acima, os entrevistados também chamam a atenção insistentemente para os interesses comerciais da mídia.

“eu acho que a mídia trabalha muito com a parte do que eles querem. O que a mídia mostra para a gente na televisão a cabo e em tudo mais, somente futebol, é debate em mesa redonda e vai falando de futebol, ela poderia fazer um papel bem mais produtivo para a Educação Física, demonstrar a realidade da escola, qual é a realidade do professor, que muitas vezes o professor tem que ser um malabarista para dar uma aula, e o que eles mostraram aí é muito bonito, num lugar aonde você

tem uma condição e uma estrutura.”

Apesar do apelo desse professor, infelizmente, para a televisão comercial, reportagens com teor educacional não vendem, não dão audiência. Essas reportagens existem, sim, mas nas TVs públicas, universitárias e comunitárias, que infelizmente não têm o mesmo alcance da TV comercial, atingem apenas a públicos localizados, sem contar a falta de divulgação dessas emissoras e desses programas.

“Exemplo até grosseiro, tinha uma novela que a menina usava a roupa mostrando parte do sutiã depois todo mundo na rua usando parte do sutiã, coisas que a princípio a gente acha que o fim, é brega, é horrível e é até vulgar. Eu acho que a televisão influencia sim, tanto para o que é bom quanto para o que é ruim, mas às vezes mais para o que é ruim.”

Esse professor faz uma crítica bastante comum à influência exercida pelos programas de televisão. Imitar o comportamento de um personagem de novela é, no caso específico da Educação Física, imitar o comportamento de um determinado atleta, tanto no aspecto físico quanto no aspecto comportamental. Quem não se lembra do corte de cabelo do Ronaldo, na Copa de 2002? Vários garotos logo cortaram o cabelo imitando-o, e mais recentemente as pedaladas de Robinho, e os meninos tentando fazer o mesmo. Estes são apenas alguns exemplos; mas, se observarmos nossos alunos, logo perceberemos outros tantos.

“a televisão passa essa idéia de que é lindo, e só você querer, ter vontade, e na realidade a gente não tinha nenhuma possibilidade. Elas me perguntavam: — Professora, aonde tem aqui ginástica olímpica? Eu nem sei aqui em Brasília, porque eu sou nova em Brasília. Mas enfim, eu sei que ali por perto não tem em lugar nenhum. Eu acho que a televisão tem esse poder de criar uma imagem, uma realidade que você que é, você acredita, e te passam aquilo de tanto repetir que você acaba acreditando que é e vai buscar, de repente você se depara com uma outra realidade.”

“Eu também acredito que a televisão influencia tanto positivamente quanto negativamente, porque ela traz para quem assiste, seja o aluno ou professor, essa ilusão mesmo de que ela pode se tornar uma ginasta, uma nadadora, um grande jogador de futebol, mas aí é o ponto do que o professor pode usar desse tipo de crítica para criar um aluno mais crítico.”

Estas colocações reiteram o que dissemos anteriormente, quanto ao *glamour* que envolve o esporte e o atleta, e complementam com algo muito importante, que é o fato de o professor através do debate, do ensino e da prática desportiva tornar o aluno um ser mais crítico e mais consciente. Para isso, conforme viemos afirmando, não se pode negar a realidade: a televisão está aí, todos têm acesso a ela, o que se deve fazer é a partir de suas contradições fomentar o debate em torno do seu conteúdo. Segundo Penteado (2000, p.113) “admitindo a concorrência como colaboração, algo que corre com, ou junto, ou no mesmo sentido, torna-se importante observá-lo naquilo que constitui especificamente (ou poderia constituir) a sua contribuição ao trabalho”.

E para fechar a análise em torno dessa questão, vejamos um último relato:

“Pegando o gancho dessa parte do Futebol e tentando responder a outra pergunta. De onde vem principalmente esse gosto por futebol? É a mídia que coloca o que a nossa colega falou. A questão da pessoa carente que melhorou a vida, que é milionário, que anda de carro importado, só que eles não mostram que somente treze por cento de jogadores profissionais de futebol ganha acima do salário mínimo, existem jogadores que ganham cinquenta, cem, duzentos mil, mas a maioria esmagadora tem o salário lá embaixo. Eu acho que em cima disso a gente pode trabalhar a nossa aula por meio dessas reportagens, pegar um gancho desse aí e colocar para eles fazerem as críticas. — Está aí e vocês acham que é todo mundo que consegue? Pode praticar o esporte e, se der, você pode ser jogador, mas não quer dizer que você vai jogar somente em cima daquilo, você vai usar aquilo para o seu bem-estar, para o seu lazer, para o seu corpo e todas as qualidades que os esporte traz.”

Talvez este seja um dos grandes desafios dos professores, desmistificar essa falsa impressão de que o esporte de alto rendimento é para todos, que todos os atletas ficam muito ricos. Há nessa questão algo que já discutimos e retomamos agora, que é o fato de alguns garotos investirem todas as suas forças numa carreira de atleta profissional, desconsiderando outras possibilidades. Em caso de fracasso, porém, têm que lidar com frustrações, decepções, além do risco de serem iludidos por falsos empresários e levados para o exterior a troco de falsas promessas.

Por fim vamos comentar a solicitação feita aos professores entrevistados para que comparassem a primeira com a segunda reportagem. Cabe ressaltar que esta questão foi apresentada apenas para os grupos 1 e 2; para o grupo 3 não foi possível, por falta de tempo.

Destacamos para análise os trechos abaixo transcritos:

“Na primeira reportagem o cenário já está montado, as modalidades desenvolvidas já estão em locais adequados, com materiais adequados. Na segunda reportagem, eles tentam sensibilizar para a participação da comunidade escolar na construção da quadra e fazendo basicamente uma inversão de valores, que seria substituição de justiça social por caridade.”

Esse professor consegue fazer uma distinção bem técnica sobre as duas reportagens. O esporte tem a característica importante de ter um cenário montado, de fácil entendimento o que facilita sua leitura pela TV. Sobre o cenário pronto do esporte, Pires (2002) acrescenta que:

Atualmente o esporte parece ser o parceiro preferencial da espetacularização na mídia televisiva porque oferece, em contrapartida, o *show* já pronto. O cenário, o roteiro, os atores, os espectadores e até os (tele)comunicadores estão antecipadamente garantidos, o que facilita a sua transformação em produto facilmente comercializado/consumido em escala

global. O espetáculo esportivo, em comparação com outros eventos culturais como o cinema e o teatro, certamente apresenta algumas características diferenciadoras, mas é interessante observar como boa parte dessas diferenças agem a seu favor, isto é, contribuem para a sua boa aceitação e absorção mundializada. Uma delas é a universalização de sua linguagem, isto é, o reconhecimento da sua operacionalidade, normas e códigos, em virtude da uniformidade de seu funcionamento, imposto pelas entidades que o comandam. (p.90)

Ainda comparando as duas reportagens, outro professor comenta:

“Olha só que interessante. Você viu uma reportagem de quase dez minutos, onze, falando de estrutura e uma de quatro falando de como se fazer estrutura da escola pública. Quer dizer, eles colocam dez ou onze minutos pra gente dizendo que o esporte é lindo, é maravilhoso, a estrutura é essa e depois eles fazem um reportagem menor dizendo que não tem desculpa de espaço e vocês têm que correr atrás. É um absurdo.”

É este o paradoxo que se vive: de um lado projetos de sucesso, financiados por entidades ou empresas privadas e com um grande espaço na TV, e de outro a comunidade tendo que conseguir com seu esforço próprio uma infra-estrutura mínima para a prática de esportes no ambiente escolar.

“Eu vejo o seguinte. Na primeira reportagem há uma ênfase muito grande no resultado imediato e que o esporte é a solução, e na segunda reportagem, que deveria também dar um foco maior, porque foi uma conquista de algum segmento ali que mesmo sem condições e sem estrutura, mostraram que havia necessidade daquele espaço e que atingisse não só o corpo docente, mas também os funcionários e os servidores. Ou seja, aquilo que eles fizeram passou a ser uma utilidade para a comunidade. Não era uma coisa pronta, como existia na primeira reportagem, onde somente iam para resolver todas as mazelas sociais.

“Percebi na reportagem uma diferença de enfoque. Primeiro o esporte como um todo, que leva o jovem a desenvolver capacidades de aprendizagens, de melhorar a sua conduta, as suas atitudes e a interessar-se mais pelos estudos. O outro enfoque é o enfoque do esporte educacional, onde a instituição busca desenvolver as modalidades esportivas, têm dificuldades de fato porque é essa realidade que vivemos na rede pública, isso é sumário, e a gente precisa gritar porque nós não temos a estrutura e nem condições. A própria reportagem mostra que a escola teve que sair do seu espaço, dos muros internos da escola, para ocupar um área fora da escola, buscar parcerias com instituições para realizar no que era um espaço comum com a comunidade... vocês perceberam que os próprios funcionários da escola começaram a utilizar aquela pista como um elemento de busca de saúde com a caminhada. E certamente a própria comunidade, como a área é externa e faz parte da própria comunidade, ela também utilizaria esse espaço. Essa é a realidade que a gente vive hoje na escola, nós não temos condições hoje de estabelecer, por exemplo, modalidades esportivas dentro da aula de Educação Física, primeiro o espaço que a gente tem não é apropriado, o tempo que a gente dispõe para a aula é pouco, não dá para você realizar um trabalho dessa natureza, existem essas situações e essas conjunturas. A reportagem mostra esses dois enfoques, uma realidade onde os clubes, os espaços que podem ser oferecidos para os jovens que têm uma certa dificuldade de socialização, ele encontra isso, e o outro é o espaço da escola, espaço educacional, de educação social e educação formal desenvolvida pela própria escola.”

“A reportagem começa dando um enfoque na Educação Física como promoção de saúde, como promoção como aquela criança que vence, aquela criança que vai superar obstáculos, e logo depois vem o enfoque de que não se pode oferecer uma modalidade para a criança, que tem que ser oferecido muitas coisas, a criança vai caminhar, vai caminhar e ela vai escolher algo que depois ela vai continuar. Já na periferia você observa que o enfoque não é esse, nós tivemos condições de fazer uma pista com isso, e com isso, então, eles vão fazer atletismo. O enfoque é outro, quer dizer, se você tem bastante dinheiro e pode oferecer é ótimo, o enfoque é esse, você oferece e deixa o seu filho escolher, e na periferia não é assim, eu pude oferecer isso, então vocês vão fazer isso.”

Todos esses depoimentos conseguiram com clareza distinguir

diferenças entre as duas reportagens. Essa percepção é muito importante para o professor, principalmente quando se pensa na perspectiva de um estudo sistemático da mídia, pois um professor que não tenha essa percepção, que esteja despreparado para conhecer a mídia em sua essência, ou mesmo que tenha uma visão simplificada ou acrítica da mídia terá grande dificuldade de desenvolver esse trabalho em sua sala de aula.

Penteado (2000, p.155) postula que o desafio de se desenvolver uma Pedagogia da Comunicação passa necessariamente:

- pela adoção de uma determinada pedagogia, pelo profissional professor, que não se dá a partir de norma ou decreto, mas de uma comunhão de valores sobre o ser humano, dotado de capacidade de significar-se e produzir conhecimento;
- pela inteligência e aprendizagem do processo de comunicação humana (no qual se localiza o processo didático), o qual supõe estudos que podem ser definidos num currículo, mas não se esgotam neles;
- por vivências e experiências que intensifiquem a relação teoria-prática-teoria, no processo de conhecimento e de ensino-aprendizagem, e que configuram uma dada compreensão do processo.

Portanto foi possível perceber nos depoimentos uma certa capacidade de compreensão das mensagens televisivas no sentido de produzir conhecimento, isto conforme citado acima por é essencial na Pedagogia da comunicação.

Destacamos, por fim, o trecho abaixo, que, embora não respondesse diretamente a nenhuma das questões colocadas pelo mediador, merece destaque:

“Eu vou além. Quando há alguma questão de reportagem mais técnica, o profissional de Educação Física não é procurado, procura-se um fisiologista, procura-se um ex-atleta, mas não procura-se o profissional de Educação Física. Então, procura-se qualquer um, até o momento da escola eles procuram, mas nós raramente damos a nossa opinião técnica em televisão ou em jornais. Quem assina esse tipo de reportagem é o Psicólogo, eles chamam o Psicólogo porque escreveu um livro, eles chamam um fisiologista que escreveu um outro livro, um médico desportista, mas eles raramente chamam um profissional de Educação Física.”

Esse relato demonstra a pouca visibilidade que o professor de Educação Física tem na mídia; normalmente ele é visto apenas como um executor de aulas, pouca voz lhe é dada para falar sobre sua criatividade, para emitir suas opiniões. Isso porque o esporte (que conta com atletas conhecidos) dá mais audiência do que um professor que desenvolve um excelente trabalho ou um pesquisador da área que fez uma pesquisa interessante, mas que são desconhecidos do grande público.

Conclusão

A partir dos depoimentos obtidos nos grupos focais e do material bibliográfico pesquisado, foi possível perceber que há, por parte dos professores de Educação Física pesquisados, atuantes em escolas públicas do DF, uma apropriação crítica das mensagens esportivas veiculadas pela televisão. Tal postura crítica possibilita a inserção no espaço escolar do tema *mídia*, e mais especificamente da televisão.

As teorias apresentadas ao longo do texto, sobretudo nos capítulos 1 e 2, como base de sustentação da relação entre televisão e esporte, nos permitiram mapear possibilidades de análise da referida relação no espaço da escola. Desse modo, as contribuições de alguns autores e os depoimentos dos professores permitiram dar visibilidade à ideologia embutida no interior do discurso midiático para as mensagens televisivas a cerca do esporte.

No que se refere aos relatos dos professores, percebeu-se que alguns já vêm desenvolvendo a discussão de programas televisivos acerca do esporte em suas aulas de forma crítica, porém de uma maneira ainda isolada e pontual. Desse modo, sugere-se a necessidade de uma metodologia sistematizada do estudo da mídia, inclusive com o desenvolvimento de projetos políticos-pedagógicos que incluam outras disciplinas, que promovam a interdisciplinaridade.

Diante da ideologia imbutida nas mensagens da televisão acerca do esporte e das contradições encontradas no tema, percebe-se que é possível alguma forma de superação do discurso dominante, na prática da Educação Física escolar, mesmo considerando os discursos em torno do esporte da alta-competição e sua grande difusão midiática. O que não se pode é maquiar ou falsear a realidade: é preciso, isso sim, manter um olhar atento e crítico ao fenômeno esportivo conforme

veiculado pela mídia — que, como sabemos, é regida pela lógica do capital. Por meio de uma perspectiva crítica, pode-se desconstruir essa lógica de dominação e buscar a superação da ideologia do esporte de rendimento no ambiente escolar.

O esporte de segue a lógica da mídia — e, portanto, a lógica do capital —, sendo um fenômeno excludente quando praticado como esporte de rendimento ou esporte-espetáculo. Não podemos, no ambiente escolar, reproduzir o discurso de que o esporte de rendimento em si seria meio de interação social, emancipação, construção de valores, conforme diversas vezes vemos nos programas televisivos sobre esporte.

Os diversos relatos dos professores nos grupos focais mostraram que eles possuem um pensamento crítico em relação à TV, embora às vezes contraditório, ou mesmo reprodutor. Mas não podemos desconsiderar que todos nós estamos suscetíveis às influências do capitalismo, da indústria cultural, dos meios de comunicação de massa, da globalização, pois estamos inseridos no meio social.

Do conteúdo televisivo, mesmo o comercial, é possível extrair algo positivo, como por exemplo, as reportagens de cunho denunciativo, programas de divulgação cultural, musical e outros. Nossa crítica vai, principalmente no campo da mídia esportiva, à exacerbada comercialização em torno do esporte, em detrimento do esporte de participação; à exagerada valorização dada a determinados esportes e atletas, enquanto outros ficam à margem da divulgação; à intensiva atribuição de importância a valores típicos da sociedade capitalista, como a competição, o rendimento, a técnica, a busca excessiva pelo sucesso.

Conforme citamos no início do texto, pesquisa no tema *mídia* é algo recente no campo da Educação Física, tendo se iniciado a partir da década de 1990. A partir deste estudo foi possível observar inclusive que o tema ainda tem um amplo campo a ser explorado, podendo ser

pesquisado por outros ângulos, como, por exemplo, pelo olhar dos alunos. Também podem ser realizadas pesquisas sobre o mesmo tema com outras metodologias, como a observação participante, estudos de caso, dentre outros. Há ainda outras possibilidades, como o estudo da mídia esportiva impressa, de filmes que têm o esporte como tema central, o estudo da programação dos canais exclusivos de esporte nas TVs pagas; a predominância de um determinado esporte na TV, como é o caso do futebol no Brasil, etc.

Cabe aqui também ressaltar que no ano de 2007 foi incluído no curso de Mestrado em Educação Física da Universidade de Brasília o tema *Mídia, Educação e Educação Física*, inserido na linha de pesquisa *Esporte e Educação Física Escolar*, com uma vaga, aumentando na seleção de 2008 para três vagas. Isso certamente ampliará o leque de possibilidades e oportunidades de pesquisa nessa área dando oportunidade ao surgimento de novas idéias e diferentes visões dos diversos pesquisadores que pretendem se inserir nesse campo de pesquisa.

Referências

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Escalrecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ASSIS, Sávio. *Reinventando o Esporte: possibilidades da prática pedagógica*. Campinas: Autores Associados, 2005.

BATISTA, Sidnei Rodrigues & BETTI, Mauro: A Televisão e a Educação Física na Escola: Uma Proposta de Intervenção. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas: Autores Associados, v. 26, n. 2, p. 135-148, 2005.

BETTI, Mauro. *A Janela de Vidro: Esporte, Televisão e Educação Física*. 1997. Teses (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

_____, Mauro. *A Janela de Vidro: Esporte, Televisão e Educação Física*. Campinas: Papyrus, 1998.

_____, Mauro. Imagem e Ação: A Televisão e a Educação Física Escolar. In: BETTI, Mauro (org): *Educação Física e Mídia: Novos Olhares, Outras Práticas*. São Paulo: Hucitec, p. 91-137, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRACHT, Valter. *Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução*. Ijuí: Unijuí, 2005.

CHAUI, Marilena. *Simulacro e Poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. *O Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

DURÃES, Geraldo Magela. *Programas Esportivos Televisivos: Contribuições para a Educação Física Escolar*. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Católica de Brasília. Brasília.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FERES NETO, Alfredo. *A Virtualização do Esporte e Suas Novas Vivências Eletrônicas*. 2001. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de Campinas. Campinas.

GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In: BAUER, Martin & GASKELL, George: *Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

GATTI, Bernadete Angelina. *Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas*. Brasília: Líber Livro, 2005.

IANNI, Octávio. *A era do globalismo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

KUNZ, Eleonor. *Transformação Didático-Pedagógica do Esporte*. Ijuí: Unijuí, 2001. 4. ed.

LEIRO, Augusto César Rios. *Educação e Mídia Esportiva: Representações Sociais das Juventudes*. 2004. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Bahia. Salvador.

MARCHI JR., Wanderley. O Processo de Ressignificação do Voleibol a Partir da Inserção da Televisão no Campo Esportivo. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas: Autores Associados, v. 26, n. 2, p. 149-162, 2005.

MARX, Karl & ENGELS, Friederich. *A Ideologia Alemã: Feuebach – a contraposição entre as cosmovisões materialista e idealista*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

MONTAGNER, Paulo César & RODRIGUES, Eduardo Fantato. *Esporte-Espectáculo e Sociedade: estudos preliminares sobre sua influência no âmbito escolar*. Conexões – Revista da Faculdade de Educação Física – UNICAMP. Campinas, v.1, n.1, 2003.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. 11. ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

MORAES, Denis de. *O Planeta Mídia: Tendências da Comunicação na Era Global*. Campo Grande: Letra Livre, 1998.

NAGAMINI, Eliana. O Discurso da Publicidade no Contexto Escolar: A Construção de Pequenos Enredos. In: CITELLI, Adilson. *Outras Linguagens na Escola: Publicidade, Cinema e TV, Rádio, Jogos e Informática*. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, Márcio Romeu Ribas. *O Primeiro Olhar: experiências com imagens da educação física escolar*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

OLIVEIRA, Márcio R. Ribas & PIRES, Giovani de Lorenzi. O Primeiro Olhar: experiência com imagens na educação física escolar. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas-SP: Autores Associados, v. 26, n. 2, p. 117-134, 2005.

PENTEADO, Heloisa D. *Televisão e escola: conflito ou cooperação?* São Paulo: Cortez, 1991.

PIRES, Giovani de Lorenzi. *Educação Física e o Discurso Midiático: abordagem Crítico-emancipatório*. 2001. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

_____, Giovani de Lorenzi. *Educação Física e o Discurso Midiático: Abordagem Crítico-Emancipatório*. Ijuí-RS: Unijuí, 2002.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TRINDADE, Paulo César. *Análise de Programas Especiais de Televisão Produzidos por Emissoras Brasileiras na Cobertura dos Jogos Olímpicos de Sidney-2000*. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Católica de Brasília. Brasília.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

TRIVIÑOS, Augusto N. Silva & MOLINA, Vicente Neto (org). *A Pesquisa Qualitativa na Educação Física*. Porto Alegre: UFRGS/Sulina, 2004.

WELLER, Wivian. Grupos de Discussão na Pesquisa com Adolescentes e Jovens: Aportes Teórico-Methodológicos e Análise de uma Experiência com o Método. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 32, n. 22, p. 241-260, maio/agosto 2006.